



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS/
INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR / INSTITUTO TRÊS RIOS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PPGCS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

FABIO RODRIGO VICENTE TAVARES

**Cineclube Mate Com Angu: periférico ou o centro de outra onda
cinematográfica?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

UFRRJ

2015

FABIO RODRIGO VICENTE TAVARES

**Cineclube Mate Com Angu: periférico ou o centro de outra onda
cinematográfica?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora

Eliska Altmann de Carvalho

UFRRJ

2015

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T231c Tavares, Fabio Rodrigo Vicente, 1979-
Cineclube Mate Com Angu: periférico ou o centro de
uma outra onda cinematográfica? / Fabio Rodrigo
Vicente Tavares. - Rio de Janeiro, 2015.
86 f.: il.

Orientadora: Eliska Altmann de Carvalho.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPGCS, 2015.

1. Cineclube, autoimagem, autorepresentação,
afecções, produção. I. Carvalho, Eliska Altmann de ,
1973-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. PPGCS III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Fabio Rodrigo Vicente Tavares

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre**, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Ciências Sociais.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21/09/2015

Prof^ª. Dra. Eliska Altmann de Carvalho (Orientadora)
PPGCS/ UFRRJ

Prof^º. Dr. Edson Miagusko UFRRJ

Prof^ª. Dra. Ana Paula Alves Ribeiro FEBEF/UERJ



Emitido em 2023

TERMO Nº 594/2023 - PPGCS (12.28.01.00.00.91)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 26/05/2023 14:04)

EDSON MIAGUSKO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptCS (12.28.01.00.00.83)
Matrícula: ###041#7

(Assinado digitalmente em 26/05/2023 19:58)

ANA PAULA PEREIRA DA GAMA ALVES RIBEIRO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.757-##

(Assinado digitalmente em 28/05/2023 12:17)

ELISKA ALTMANN
ASSINANTE EXTERNO
CPF: ###.###.667-##

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrj.br/documentos/> informando seu número: **594**, ano: **2023**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **26/05/2023** e o código de verificação: **4e805b40b4**

Resumo

TAVARES, Fabio Rodrigo Vicente - **Cineclube Mate Com Angu: periférico ou o centro de uma outra onda cinematográfica?** - Rio de Janeiro, 2015. 86 f.: Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e debater o Cineclube Mate Com Angu analisando um processo no qual pessoas se organizam para exibir filmes, estar junto a pessoas com as mesmas aspirações de vida e que a própria dinâmica do processo os conduz a uma trajetória que nem eles mesmos, os participantes, poderiam esperar.

A partir da etnografia do Mate Com Angu e da bibliografia trabalhada ao longo do texto há uma tentativa de demonstrar como é possível coletivamente ativar redes colaborativas que afetam novas redes e, assim se construir campos de possibilidades locais e extra locais (capital social).

O texto se apropriou de variado referencial teórico para tratar e dar amplitude ao objeto, ajudar a compreender como a *Política de Lugar* pode ajudar a entender os movimentos que ocorrem no território, as possibilidades de o campo afetar o pesquisador e como as movimentações do pesquisador são rotineiramente afetadas, atravessadas por múltiplas situações estruturais e afetivas em cada contexto de pesquisa.

A pesquisa é sobre cineclube, mas o Mate Com Angu é o mote para o debate mais ampliado sobre autoimagem, autorrepresentação, produção e atualização de novos sentidos e significados no campo da produção imagética como também de agenciamentos possíveis a cada agrupamento social.

Esta dissertação desenvolveu, a partir de seu trabalho de campo, uma reflexão sobre a dicotomia centro X periferia, ao questionar se é aceitável ou não entender que existe um centro a partir do qual todas as outras interações sociais seriam periféricas ou se apenas os projetos feitos fora das centralidades globais ou regionais possuem elas mesmas suas próprias centralidades.

Palavras chave: Cineclube, autoimagem, autorrepresentação, afecções, produção.

Abstract

TAVARES, Fabio Rodrigo Vicente - **Cineclube Mate Com Angu: peripheral or the center of another cinematographic wave?** - Rio de Janeiro, 2015. 86 f.: Dissertation (Academic Masters) - Federal Rural University of Rio de Janeiro, Graduate Program in Social Sciences, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

This work aims to present and discuss the Mate Com Angu Cineclub by analyzing a process in which people organize themselves to show films, be together with people with the same life aspirations and that the very dynamics of the process leads them to a path that neither they themselves, the participants, could wait.

Based on the ethnography of Mate Com Angu and the bibliography used throughout the text, there is an attempt to demonstrate how it is possible to collectively activate collaborative networks that affect new networks and, thus, build fields of local and extra-local possibilities (social capital).

The text appropriated a wide range of theoretical references to address and expand the object, helping to understand how the Politics of Place can help to understand the movements that occur in the territory, the possibilities for the field to affect the researcher and how the researcher's movements are routinely affected, crossed by multiple structural and affective situations in each research context.

The research is about film clubs, but Mate Com Angu is the motto for a broader debate on self-image, self-representation, production and updating of new senses and meanings in the field of image production, as well as possible arrangements for each social grouping.

This dissertation developed, from its fieldwork, a reflection on the dichotomy center X periphery, by questioning whether it is acceptable or not to understand that there is a center from which all other social interactions would be peripheral or if only the projects made outside global or regional centralities have their own centralities.

Keywords: Cineclube, self-image, self-representation, affections, production.

Sumário

Introdução 5

O Mate Com Angu: como o conheci 17

Objetvos da Pesquisa 23

Capítulo I: Perpassando o Objeto 24

O Objeto Cineclube 24

Entrada em Campo 27

Análise Bibliográfica sobre o Mate Com Angu: problemas e soluções 31

Descrição Física do Espaço 32

Descrição da Sessão 33

Bar do Russo 36

Motivações 37

Capítulo II: Os Personagens e as Interações 40

Posições e Análises Teóricas 43

O Caso Abaeté 48

Continuações 49

Da noção de Laços fortes, laços fracos e capital social 51

Em que momento um membro do Mate se sente de fato Membro do Grupo 53

Concluindo, mas continuando: o Mate potencializa outras ações 54

Bibliografia 58

Anexo I 62

Introdução

O objeto dessa dissertação é o Cineclube Mate com Angu. Um dos fundamentos da escolha é a similaridade da trajetória do cineclube com a minha própria, sobretudo, no que diz respeito às relações com o território. As ações políticas, afetivas, a tentativa de reconstrução da memória coletiva e valorização do espaço do vivido através das atividades implementadas pelo Mate Com Angu em Duque de Caxias são os motivadores desse trabalho.

O Cineclube Mate Com Angu está no centro de outra onda e essa é a síntese desta dissertação. Entretanto, como iniciar a construção da história proposta por esse trabalho já que o início pela síntese? O roteiro da minha pesquisa assim como o de um filme é *sui generis*, uma vez que existem inúmeras maneiras de contar uma história, podendo ser um romance, novela, filme, série, dissertação e por aí vai. Porém, geralmente quando há uma perspectiva formal, exige-se dessa história uma lógica, que contenha início, meio e fim logicamente organizado, ainda mais quando se trata de uma dissertação e todos os cânones acadêmicos.

Em uma dissertação o viés metodológico é ainda mais rígido, mas deve haver uma primazia do campo ao produzi-la e contar a história por ela proposta. Ao montarmos um projeto de pesquisa buscamos elucidar uma hipótese previamente estabelecida, mas há ao menos uma questão, uma conjectura, que só a pesquisa, o campo pode vir a elucidar. No entanto não há como *a priori* solucioná-la nem um momento certo, no caso desta pesquisa isso aconteceu nos primeiros contatos com o campo, ainda assim houve um tempo para a interpretação/tradução das soluções apresentadas sobre as questões elencadas.

Esta dissertação tem seu início a partir do que geralmente é a conclusão: a solução da hipótese de pesquisa, que é a busca pelo entendimento da relação do Mate Com Angu e o território Duque de Caxias, respondida pelo campo. Ao fazer o levantamento bibliográfico, ver os filmes produzidos, vídeos e participar das atividades propostas pelo Mate Com Angu pude entender que as minhas perguntas já foram feitas em outros momentos, que eu deveria atualizar tais questões a partir da pesquisa que me propus a desenvolver. Sendo assim, eu deveria me ater em como o campo responderia e não como eu gostaria de chegar às soluções das hipóteses apresentadas no projeto de pesquisa.

Em muitos momentos ouvi meus principais interlocutores dentro do Mate; Igor, HB*, Fabiana, Bia Pimenta, Tadeu e Sabrina Bitencourt (estes são meus interlocutores mais frequentes) numa epifania festiva, numa exaltação a festa e ao reencontro com seus pares a cada sessão do Mate ou em uma atividade proposta pelos matianos¹. Nessas ocasiões percebia que as pessoas não saíam correndo para suas casas após “cumprir o compromisso” com a atividade proposta, na verdade percebi que a verdadeira atividade era posterior à motivadora daqueles encontros.

O grupo sempre queria ficar mais um pouco para conversar, conjecturar projetos futuros, dividir aflições pessoais e profissionais, difundir informações sobre o campo do audiovisual. Nessas ocasiões havia lançamentos de filmes como o Homem de Ferro 3, que foi muito debatido no bar do Russo (mais tarde explico melhor sobre esse bar) e de curta-metragens de outros cineclubistas e falas sobre uma banda que alguém viu tocar e queria trazer para uma futura sessão na Lira de Ouro - mais adiante contextualizo. O fato significativo é que as atividades são motes para encontros, reencontros e convivência.

Em alguma medida a convivência nesses debates, nas construções de projetos futuros foram me “afetando” e tive que me permitir ser afetado. Neste sentido trago a contribuição de Rose Satiko que em sua pesquisa nos deixa uma contribuição similar ao que ocorreu em meu campo.

O afeto é matéria prima das relações, dos encontros que experimentamos em campo. Ser afetado é deixar-se marcar por esses encontros, modificar-se, inclusive. “Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (idem: 160). Em campo, fui diversas vezes questionada sobre meu projeto de conhecimento. “Pois se o projeto de conhecimento for onipresente não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível” (idem). Questionamentos são acontecimentos; o desafio é não se perder, fazer da dúvida etnografia. (Hikiji, 2008)

* Heraldo Bezerra é um autor usado neste trabalho, quando me referir a ele como autor o tratarei como Bezerra e como um interlocutor como HB.

¹ Matianos é como os próprios integrantes do Mate Com Angu se chamam. Não é uma categoria, uma identidade rígida, mas uma maneira de se auto denominar e dizer que em alguma medida faz parte do grupo. O grupo em geral funciona com membros mais permanentes e outros menos assíduos.

Ao longo da pesquisa, o leitor perceberá isso, havia uma recorrência da fala “O Mate está no Centro de *uma outra* onda” entre os membros do Mate. No início não dei importância, mas a repetição dessa fala foi me chamando atenção.

Quando iniciei o projeto de pesquisa, queria a partir de minha experiência com pré-vestibular comunitário verificar em que medida um cineclube produtor de imagens impactaria em seu entorno assim como verifiquei em meu trabalho de monografia de conclusão do curso de Ciências Sociais que um pré-vestibular comunitário foi capaz de fazer até o início dos anos 2000. Entretanto, por estar com o olhar viciado no viés proporcionado por minha experiência anterior, não enxergava nitidamente o que apresentava meu novo campo. Em muitos momentos não queremos admitir que as respostas não são dadas como gostaríamos, mas que tem seu próprio ordenamento. Em um vídeo comemorativo de cinco anos do Mate Sabrina fala que o *Mate ta no centro de uma outra onda*. Essa frase de uma maneira ou de outra é replicada pelos membros com os quais tive contato. Há uma lógica de desconstrução da noção anacrônica da relação Centro/Periferia, não negando totalmente a noção de periferia, mas vendo como outro centro em relação a ela mesma e nesse sentido o Mate e Caxias constituiriam outro Centro.

A questão é que a forma que tinha planejado era construir uma relação sob o viés da ideia de território entre pré-vestibular comunitário e o cineclube Mate Com Angu a partir de uma ação de pessoas relacionadas ao local/território de atuação de maneira política e afetiva e que a partir da implementação de suas ações, sejam elas no campo da educação formal -via pré-vestibular- ou no campo da educação audiovisual, proporcionaria a construção de outro imaginário local a partir do cinema. Semelhante a visão não estereotipada edificada a partir do conhecimento via estudo formal das limitações e degradações das chamadas periferias, ou zonas da cidade com menor retorno do Estado.

Para construir tal relação me apropriei do conceito de *Políticas de Lugar* proposto por Harcourt, W. e A. Escobar (eds.; 2007) no trabalho intitulado *Las mujeres y las políticas del lugar*, trabalho também desenvolvido por María Angélica Garzón no texto *El lugar como política y las políticas de lugar: Herramientas para pensar el lugar*, nesses textos a proposta é apresentar que uma argumentação em que a análise seja de movimentos sociais, de mulheres ou similares deve levar em conta as especificidades locais, o trabalho de Garzón aponta para a construção de um capital cultural a partir do território que criar abertura para a autoimagem, auto representação

trazidos por Gonçalves et al. Pontos que serão desenvolvidos mais à frente no presente trabalho. A partir dessa orientação desenvolvi o raciocínio para o trabalho apresentado, mas o território que deveria dar conta não era somente um território de disputas de poder, relações sociais e construção de identidade, era ainda mais amplo: o do imaginário, da arte, da fabulação, ficção e reconstrução (no campo cinematográfico). Foi então que iniciei a fazer a relação que se segue.

Em 2002 resolvi voltar a estudar e não tinha recursos suficientes para pagar um pré-vestibular tradicional. Uma de minhas irmãs que é assistente social me informou da existência de um pré-vestibular comunitário e conseguiu o telefone para eu fazer contato. Algumas similaridades como origem social, falta de acesso à cultura e a informações que possibilitem mobilidade são aspectos que de alguma maneira identificam as pessoas que compõem ou passaram pelo pré-vestibular e o Mate com Angu.

Quando cheguei à Educação e Cidadania Para Afrodescendentes e Carentes (Educafro) tinha o pensamento de ter mobilidade social e adquirir os códigos que me possibilitariam passar no vestibular. Pretendia fazer o curso de fisioterapia, pensava em ajudar quem precisasse e ao mesmo tempo teria uma profissão com algum prestígio social, um imaginário similar ao de médico, do andar de branco, ser chamado de doutor e me apropriar do fetiche do “doutor” junto ao público feminino.

As pessoas que compõem o Mate são pessoas indignadas com o desleixo público em relação ao entorno de Caxias e aos bens culturais. Por isso se mobilizaram para construir coletivamente alternativas assim como o pré-vestibular comunitário criou na década de 1990.

Estudei no pré-vestibular Comunitário Pioneiro de Realengo – filiado a Educafro - funcionava no Ciep Oswaldo Aranha localizado entre as estações de Magalhães Bastos e Realengo na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. O pré-vestibular edificou em mim e em seus participantes uma nova maneira de relacionamento com as pessoas e outra lente pela qual se interpreta e se apreende o mundo. As questões de um pré-comunitário são diferentes de tudo que tinha vivenciado até aquele momento e principalmente muito distante da educação formal prescrita pelas instituições de ensino normativo.

Todos os membros do Mate que entrevistei ou troquei informalmente relatam que a partir da experiência do Mate edificaram outra lente pela qual enxergam o mundo, desenvolveram capacidade de tolerância, pluralidade, ampliaram seus horizontes para

além do município, estado e do país através do cinema. Ou seja, o Mate é formação: humana, de visão de mundo e veremos também que construiu carreiras profissionais.

A maneira como o pré trabalhava o conteúdo das disciplinas já era uma maneira metodológica de acolhimento dos alunos. Havia uma preocupação em não fazer os alunos se sentirem distantes do conhecimento. Nesse sentido, por exemplo, na disciplina de Matemática iniciava-se o conteúdo trabalhando ponto, reta e plano. Assim os alunos com mais idade ou lacunas na formação teriam a oportunidade e a motivação de dar sequência aos estudos. Não existia uma lógica mercadológica, pois mesmo quando o aluno não tinha condições financeiras para pagar o curso ele podia continuar e a coordenação criava alternativas como rifas e festas para conseguir recursos e manter o funcionamento do projeto.

O Mate a partir de suas oficinas ensina seus alunos a manusearem os equipamentos utilizados no dia a dia de uma filmagem. Há pouca rejeição porque é tudo via desafio, como uma criança aprendendo coisas novas na vida assim funcionam as oficinas, com pouca teoria e muita experimentação - mais a frente essa expressão aparecerá com maior enfoque, uma vez que é a definição do Mate pela Bia Pimenta. Para ela “Mate é experimentação”, e com uma intencionalidade, que é o produto final que pode ser um filme autoral, colaborativo e localizado geográfica e esteticamente, uma vez que é feito a partir de outro ângulo. Nesses filmes aparece a Baixada Fluminense. Mesmo quando é feito em regiões que possuem um simbólico de maior renome como a região dos Lagos, o filme não mostra as praias, mas as partes não divulgadas na grande mídia. Mas, com uma estratégia interessante, no mínimo: não é gratuito, panfletário ou sociológico. A paisagem está lá, mas não é o tema do filme, o filme em si pode ser de uma história romântica ou uma ficção, o fato é que quem vê o filme reconhece o lugar, reata sua memória afetiva com ele e o principal objetivo é mostrar ou combater uma visão estereotipada dos lugares tidos como subalternos, mas que são vivos e cheios de memórias positivas e afetos correlatos.

As festas do pré faziam em alguma medida parte da metodologia do curso. No início do ano sempre havia uma e funcionava da seguinte maneira: entre a coordenação e professores tinha uma divisão da infraestrutura (copos, carvão, gelo, pratos, local, limpeza, arroz, farofa, molho) e outras demandas eram previamente garantidas e cada aluno deveria levar R\$3,00 reais e meio quilo de carne, asa ou linguiça. A cerveja era comprada na hora após uma coleta de dinheiro, só pagava a cerveja quem bebia e os R\$3,00 garantiam algum recurso para os refrigerantes, logo, todos podiam participar (se

um aluno/a não tinha os R\$3,00 dava-se outro jeito como pedir para trazer um pouco de arroz pronto de casa ou algo similar. A ideia era o aluno não se sentir de “favor” na festa. A festa funcionava para criar vínculo entre o grupo e assim, pelo afeto, garantir a permanência do grupo até o vestibular.

Durante a dissertação ficará mais claro, mas muitos membros definem o Mate como uma festa, a festa em si é um mecanismo de inclusão e permanência dos membros. Em alguns momentos nesses dois últimos anos tive a oportunidade de compartilhar alguns momentos informais com alguns membros do grupo. Após uma oficina, em uma de suas reuniões ou em outros espaços pela cidade, mas sempre há ou quando não há, inventa-se motivo para uma festa, que pode ser para duas pessoas. A reunião do grupo é também uma festa, a sessão do Mate é prioritariamente uma festa, assim como no pré a festa tem uma centralidade na entrada de novos membros no grupo e na permanência do grupo.

O projeto de pré-vestibular comunitário tinha uma ligação direta com o território². Alunos, professores e coordenadores eram em sua maioria da vizinhança e detinham ligações afetivas com o entorno. A adesão ao pré era geralmente feita a convite de um amigo, parente, vizinho ou mesmo através do local que sedia o espaço, como igrejas, escolas ou sindicatos. Quando um dos alunos do projeto passava no vestibular havia uma repercussão no entorno e geralmente a pessoa que passa no vestibular volta ao pré como coordenador ou professor e assim passa a servir também como exemplo positivo para quem está chegando ao projeto. Neste sentido, o pré-vestibular comunitário passava a ser uma alternativa num universo no qual a ideia geral era a ausência de possibilidades de mobilidade.

Grande parte dos membros atuais do Mate chega ao Coletivo a partir de amigos, convites, proximidade, amizades, busca por uma nova inserção social. Ser na Baixada Fluminense é um ponto que agrega, soma valor e em alguma medida possibilita uma identidade para as pessoas que participam e para quem frequenta. Ao ver o filme do Mate na internet e concorrendo em festivais o *capital simbólico* e o prestígio do

² Entende-se por *território* a proporção de superfície terrestre, apropriada por um grupo social para assegurar a sua reprodução e a satisfação das suas necessidades básicas. Tem uma determinada localização e implica um processo de apropriação, de gestão e de ordenamento. Tem subjacente uma relação socioeconômica entre uma porção física de espaço e uma população específica. O *local* remete para um lugar geográfico situado, referenciado, referenciável por relação a um conjunto de espaços vividos e habitados. Tem uma identidade, é apropriado, é imaginado, tem coordenadas e meios de acesso. Tem conotações funcionais e simbólicas. É uma realidade histórica e cultural. Está associado a um sentimento de pertença que determina aspirações, práticas e estilos de vida. Daí a importância da percepção, da representação e da vivência do espaço local - *sentido do lugar*- num processo de desenvolvimento local integrado.(Azevedo, p. 139, 1997)

Coletivo aumenta fazendo com que surjam novos expectadores e pessoas que, mesmo sem participar ou mesmo freqüentar, apoiam a proposta do cineclube.

Nesse sentido o Mate é uma possibilidade em um local visto como sem possibilidades. Mas o viés não é o de mobilidade social nem de reconhecimento social. A luta é pelo imaginário, pela esperança, por entender que é possível a partir de Caxias a Baixada Fluminense estar no seu próprio Centro. O Centro que aqui tem como referencial Duque de Caxias não é algo estático ou possui uma perspectiva de desenvolvimento homogeneizadora, mas propõe e propaga a diversidade estética do audiovisual em geral.

A partir das experiências vivenciadas no pré-vestibular comunitário, ações coletivas com intervenção no espaço do vivido passaram a despertar minha atenção e me possibilitaram pensar criticamente como movimentos autônomos de cultura e educação intervêm no território. No caso específico do cineclube Mate Com Angu não só há relação com o território, mas uma disputa efetiva do imaginário em relação à Baixada Fluminense em geral e Duque de Caxias em específico com a intenção política e afetiva de reconstrução do imaginário da região.

O cineclube, de maneira análoga ao pré-vestibular comunitário, realiza uma intervenção direta no território, entretanto de outra maneira. O cineclube tem a potência de edificar uma autoimagem³. Nesse sentido, funciona como uma retomada do espaço público quando o território vive sob a égide da violência ou abandono físico do Estado. Pode funcionar ainda como uma retomada da urbanidade e profissionalização dos participantes - percebemos isso nos cineclubes Guandu e Mate com Angu, uma vez que as produções são realizadas pelas pessoas que administram os cineclubes.

³ A autoimagem neste trabalho será concebida como o acúmulo de experiências, pensamentos, sentimentos e ações, organizadas pelo indivíduo. Capaz de ser traduzida em uma visão de mundo específica, dotada de significados também específico (visão de mundo e de si mesmo). É um processo contínuo influenciado por vivências individuais e coletivas e aciona ininterruptamente uma contínua atualização da relação entre pessoa e grupo. Que por sua vez, aciona a autoestima que seria neste contexto o conjunto de atitudes que cada pessoa tem a respeito de si mesma e que apresenta altos e baixos e não um contínuo (Markus & Kitayama, 1991; Singelis, 1994; Hofstede 1984).

Ainda no tocante a autoimagem o antropólogo Marco Antônio Gonçalves e Scott Head no artigo Confabulações da Alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos in *Devires Imagéticos – A etnografia, o outro e suas imagens*, M. Head, S. Org. 19-21, 2009. Confrontam a ideia de autoimagem e autoridade etnográfica, reconhece o antropólogo como autoridade, sendo assim ele determina a imagem do outro, logo como seria possível uma autoimagem? Assim como entendem que a autorrepresentação é também uma ficção de si mesmo.

Um exemplo de relação entre cineclube e território é apresentado no trabalho de Maria Angélica Garzón sobre Montes de María na Colômbia, região que reúne quinze municípios e é tomada pelo terror, segundo expressão usada pela autora. A região vivência os conflitos entre Estado, Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) e as Autodefesas Unidas da Colômbia (AUC). Tais conflitos geraram estigmatizações e medo na região, que resultou em esvaziamento das ruas e conseqüentemente trouxe alterações nas relações entre os moradores e no cotidiano do território.

O Cineclube Itinerante La Rosa Púrpura Del Cairo (Colômbia) teria trazido, segundo a autora, as pessoas de volta às ruas e formou um público que com o passar do tempo se tornou reconstrutor da região, mas não apenas no sentido físico do local, houve mudanças reflexivas das vivências cotidianas, reconstrução e gestão do lugar a partir da identidade local e dinâmica social da região. Garzón utiliza em sua reflexão sobre a região de Montes de María o conceito de *Políticas de Lugar* no qual ações que mobilizam práticas culturais *sui generis* interpelam e convertem lógicas homogeneizadoras em relação ao lugar.

O conceito de *Políticas de Lugar* utilizado por Garzón serve para analisar como o cineclube na Colômbia abrange território, cultura, identidade e política. Essas categorias também podem ser trabalhadas em relação ao Mate Com Angu em Duque de Caxias um dos municípios que compõem a Baixada Fluminense – região que compreende treze municípios e sofre estigmatizações e estereótipos que reforçam a ideia de local perigoso.



Mapa da Baixada Fluminense

Há algumas proximidades entre a experiência do Cineclube Itinerante La Rosa Púrpura Del Cairo e o Mate Com Angu que podem ser elencadas aqui: a relação entre viver e vivenciar o lugar; o entendimento da identidade como algo não estático, mas relacional e dinâmica; os trânsitos construtores de identidade são vivenciados no território e criam uma marca particular na região de atuação. Neste sentido tanto o Mate Com Angu, quanto o La Rosa Púrpura Del Cairo visam trabalhar a identidade por meio da exaltação e reconhecimento de práticas regionais e seus afetos.

Tais ações configuram uma ação política pautada pela *cultura*⁴ local e causam impacto na melhora e ampliação da visão de mundo dos visitantes, formam público, aprimoram a memória coletiva, promovem práticas culturais autóctones ao privilegiar o local frente ao global (ou outro centro) uma vez que priorizam dar visibilidade a manifestações culturais locais e utilizam de mão de obra local. Muitos participantes dos cineclubes citados aprendem a manusear os equipamentos em oficinas feitas em parcerias com outras instituições e com quem já domina a técnica ou ainda através de movimentos sociais/militantes do audiovisual revertidos em contatos políticos/afetivos construídos ao longo do tempo - experiência que ocorre nos dois cineclubes.

A partir do momento que um cineclube se torna produtor de documentários, curtas metragens e com essa produção passa a dominar todo o processo de uma produção cinematográfica, tais ações transformam, em potência, os produtores profissionais para o mercado do audiovisual em geral. Garzón (2008). Formar profissionais para o mercado não é objetivo do Mate Com Angu, mas indiretamente isso tem ocorrido, além dos integrantes do Mate serem protagonista nesse mercado ao abrirem suas próprias produtoras ou se associarem a outras, ao demonstrarem a qualidade de seus filmes em festivais e mesmo na internet.

Segue abaixo um fragmento do trabalho de Garzón (2008:185) que serve como parâmetro para uma das relações propostas neste trabalho:

[...] el Cineclub Itinerante La Rosa Púrpura del Cairo aparece bajo la excusa del encuentro entre pobladores por medio de la apreciación cinematográfica, y, sin embargo, va más allá, realizando un llamado a la recuperación del espacio público y a una apropiación diferente del territorio en los municipios que conforman los Montes de María. Adicionalmente, el Cineclub apoya la escuela audiovisual del CCMMa que ha formado (entre

⁴ Para melhor entendimento da acepção de *cultura* utilizada neste trabalho ver: Small, Harding e Lamont: Revista de Sociologia e Antropologia. v.01.02:91-118,2011.

2004 y 2006) a más de doscientos setenta y cinco jóvenes en lenguaje audiovisual y há realizado cuatro documentales y cinco cortometrajes, ampliando las expectativas profesionales, laborales y vitales de estos jóvenes. En la actualidad, el Cineclub Itinerante sigue tan vigente como desde su inicio. Incluso sus objetivos se han ampliado para responder a las nuevas exigencias del contexto: no sólo apunta al rescate de la calle y de la noche, sino también a la formación de público, al fomento a las organizaciones sociales en torno a la cultura, a la construcción de una memoria colectiva y a la promoción de las prácticas culturales propias de la región.

O Mate surge das movimentações de Igor Barradas e Heraldo Bezerra, o HB. Os outros membros chegaram após terem sido em algum momento público do Mate. Não eram profissionais do audiovisual, se tornaram “técnicos” a partir do contato com o cineclube. Aprenderam o *modus operandi* cinematográfico na rotina de gravações com um ensinando ao outro; foi assim também durante a oficina que participei do Mate. O trabalho final dessa atividade foi a concepção de um curta-metragem, cujo tema, roteiro, cenários e atores passaram por escolhas coletivas.

Durante a gravação do filme “Sonhos para Uns e Realidade para Outros”, projeto final da oficina Cinemamor-Cineclubismo e Outras Paixões os integrantes do Mate orientavam os alunos, mas estes já estavam com a mão na massa fazendo o áudio, nem que fosse segurando o *boom*, se não estavam filmando, descobriam o que é ser *still* na prática enquanto outros cuidavam de garantir a continuidade do filme ou faziam as entrevistas. Participamos ainda da decupagem de alguns cortes da montagem final e da trilha sonora. A partir desses momentos de trabalho coletivo o Mate ensinou aos seus membros ou surgiram os novos membros.

A partir do *know how* em oficinas o Mate desenvolveu em parceria com a Secretaria de Cultura do Governo do Estado um manual de cineclubismo denominado “Guia para Prática Cineclubista”, em 2013, assim como difunde a partir de oficinas um modelo que podemos chamar de educacional, mas que de fato é sensorial, porque busca ativar no público a valorização do seu entorno e não a estética da *indústria cultural*.

É fato que, em algum momento, para ganharem maior legitimidade no campo, alguns membros do Mate fizeram cursos em escolas de cinema e produção tradicionais, mas esses cursos também surgiram através de oportunidade geradas por suas redes. Após esse circuito de experiências e especialização os integrantes do Coletivo passam a ser mão de obra para o mercado do audiovisual comercial.

Os integrantes do Mate fazem trabalhos privados em produtoras e empresas ou criam suas próprias empresas ou produtoras e quando trabalham em empreendimentos privados a “marca” Mate Com Angu serve como referencial e mesmo como currículo no acesso às possibilidades empregatícias do dia a dia. As ações do cineclube proporcionam indiretamente tais oportunidades através da visibilidade que os integrantes do grupo ganham com a atividade cineclubista. Sendo assim o Mate também proporciona oportunidades profissionais.

Nesse sentido, o cineclube produtor de filmes é também uma instituição que tem a potência de profissionalizar seus membros e espectadores que se aliam ao grupo em suas produções. Desse modo, neste trabalho pretendo comprovar que a relação do Mate com o público não é passiva, mas dialógica e inclusiva, uma vez que a maioria dos membros do Coletivo é constituída por pessoas que em algum momento foi público do cineclube e em pouco tempo se tornaram agentes matianos.

O termo periferia neste trabalho seria utilizado em relação a áreas da cidade onde se localizam favelas ou comunidades⁵ empobrecidas economicamente da região metropolitana do Rio de Janeiro. Uma vez precária e sem infraestrutura, a periferia gera uma demanda em relação ao centro, que por sua vez usufrui de maior oferta de serviços, comércio, emprego e lazer (oferecido pelos órgãos públicos). O termo carrega um forte sentido social, mas não tem uma relação direta com a acepção utilizada na geografia, uma vez que regiões afastadas do centro, mas com outra infraestrutura e moradores com maior rendimento não são chamadas de periferia - como Barra da Tijuca no Rio de Janeiro e o condomínio Alphaville em São Paulo. Veja em seguida outras acepções sobre periferia similares a adotada neste trabalho.

[...] a periferia como área urbana específica e sujeita a distintos graus de segregação (ou, num sentido inverso, de consolidação), como fenômeno social (que, nas últimas décadas, tem envolvido um projeto familiar e comunitário de inserção na cidade, mas com certas rupturas introduzidas por diversos fatores), como um conjunto polifônico de representações nativas (cujas predominâncias tipológicas cabe definir caso a caso), bem como uma série de narrativas, das quais se destaca a realizada por atores sociais como os

⁵ Comunidade será um termo usado fora da acepção biológica de homogeneidade, sem postular uma unidade mínima ou máxima de complexidade. Ver Leeds, Antony. Leeds, Elizabeth. A Sociologia do Brasil Urbano . Rio de Janeiro. Ed.Zahar,(1978:32).

rappers”. Frúgoli Jr. (2010:148).ver ainda Feltran, (79:201-233,2010) Castro,(2010).

Mas o termo periferia aqui é utilizado como uma categoria do nativo, do campo, os integrantes usam a expressão e na acepção do grupo não é dicotômica em relação a um centro. O grupo busca a construção de outro imaginário para a Baixada Fluminense e para Caxias e utilizam o termo para o ressignificá-lo ao afirmarem que vivem em outra centralidade e é aí que está a questão: essa centralidade é o território físico ou o território imaginário do cinema? A proposta é a partir do conceito de *Políticas de Lugar* analisar o cineclubes Mate Com Angu, entendendo seu trabalho e a relação entre as pessoas do coletivo. Entender a trajetória das pessoas para entender o Mate. Tenho como hipótese que as especificidades do Mate são relacionadas aos membros do grupo e ao lugar, as questões a serem dirimidas são que pessoas são essas e que lugar é esse, é Caxias, Baixada Fluminense ou o Cinema? Mas a pesquisa me mostrou que mesmo uma acepção de periferia questionadora da mera relação dicotômica entre centro e periferia não daria conta da acepção de Centro que o Mate propaga. Não é uma noção hegemônica, mas contagiante, não é uma lógica de soma para depois dividir, mas de soma para depois somar mais. É algo não quantificável porque é simbólico e a disputa é por sentidos/imaginário e não por mobilidade social. Busca-se sim estrutura para as produções, parcerias, concorrem em editais públicos e privados, buscam alternativas, mas na festa ou no caos adaptado do Mate a finalidade parece ser estar junto, em festa e seja em qualquer parte do organograma de um filme, estar apresentando algo cuja centralidade seja outra acepção de periferia ou um novo Centro que nesse caso pode ser Duque de Caxias, Baixada Fluminense ou o Cinema, não há uma hierarquia, desde que no fim estejam na tela.

Ainda assim há uma regularidade interessante, um dado sociológico, independente dos locais de moradia, da mobilidade conquistada, os membros do grupo sempre retornam a Caxias, independente de se nasceu lá ou, se é morador ou não, há ali uma militância por Caxias e moradores e não moradores sempre em algum momento estão em Caxias e em prol do espaço de disputa cultural e imagética.

O Mate Com Angu – como o conheci

Quando concebi este projeto de pesquisa no final de 2008, os trabalhos existentes sobre cineclube eram com viés histórico Butruce (2003) ou cultural Casqueira (1997), Silva (2007). Nesse sentido, pensei em montar um projeto que desse conta de demonstrar que há na periferia do Rio de Janeiro um movimento que trabalhe a imagem a partir do pensamento e realidade/contexto local.

No início do projeto pretendia analisar trinta e um cineclubes inscritos na Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro (ASCINE) e verificar o viés de suas atuações. Com o tempo e maior conhecimento sobre o tema, fiz um recorte para os cineclubes inscritos na ASCINE e que fossem oriundos da Baixada Fluminense. Após mais leituras percebi que não queria pesquisar o cineclube em si, mas sua relação com o entorno, verificar se a partir dele se construíam novos sentidos para o território. Foi neste instante que o recorte se afinou ainda mais: teria que verificar cineclubes produtores de imagens, não de qualquer imagem, mas produções que levassem em conta o território.

Nesse viés sobraram dois cineclubes, o Cine Guandu e o Mate Com Angu. Alguns problemas que em alguma medida também são oportunidade surgiram, o Cine Guandu não existe mais e o Mate já possui três trabalhos publicados. Sendo assim, após ler os trabalhos já realizados sobre o Mate Com Angu (Bezerra, 2013, Silva, 2010 e Gouvêa, 2007), tive a oportunidade de direcionar ainda mais meu trabalho, além de entender que tenho um olhar diferente, que a conjuntura é outra, que a cultura é algo dinâmico, logo o que foi analisado no passado já se transmutou no tempo, entraram e saíram pessoas do grupo, a cidade mudou e além de tudo tenho outro enfoque.

Ao ler e reler esses trabalhos me apropriei de suas “descobertas” para reorientar a pesquisa que já estava em curso. O público do Mate ainda não fora analisado. Entendo como público os próprios matianos, os membros do Mate são também público do cineclube, uma vez que antes de tudo é um “clube”, logo reúne pessoas e grupos afins que convergem ao menos em alguns pontos, e este será mais um dado a ser levantado neste trabalho.

Ao ler as dissertações de Tiago de Aragão Silva – Nas Profundezas da Superfície do Mate Com Angu: Projeções Antropológicas Sobre um Cinema da Baixada Fluminense (UNB – 2011) e de Maria José Motta Gouvêa – Com a Palavra Mate com Angu – uma intervenção estética no município de Duque de Caxias (FGV-Rio, 2007) e

ainda ler a publicação - O Cerol Fininho da Baixada: histórias do cineclube Mate com Angu - de Heraldo Bezerra, um dos fundadores e idealizadores do Mate Com Angu, minhas reflexões foram se sedimentando e clarificando ao entender que são trabalhos diferentes e momentos diferentes, trabalhar com a atualização dos dados ajuda a evitar anacronismos.

Quando um cientista social propõe um trabalho de pesquisa geralmente pretende entender processos sociais e *como* se configuram as ações/intenções de grupos e indivíduos. Sendo assim formulei algumas questões para orientar o foco de minha análise e ao término delinear algo mensurável. Então questões básicas foram elencadas, como; i - quem faz a programação, ii – quem produz os filmes vinculados no cineclube (são comerciais, patrocinados, autorais), iii – já que pretendo analisar imagem, me perguntei: que imagem emerge dessas produções: iv – se o foco é o território, quais referências locais são utilizadas? v – o cineclube institui a partir de suas sessões uma sociabilidade específica em relação ao território, vi – o cineclube de fato possibilita uma outra visão de mundo, vii - qual a forma de financiamento do cineclube para viabilizarem suas produções, viii – e como o funciona o financiamento da manutenção do cine, ix – e quem faz a programação das sessões. Essas questões estavam no projeto inicial de pesquisa e em alguma medida foram sanadas após a leitura dos trabalhos anteriores acerca do objeto. Em seguida apresento as respostas.

I – quem faz a programação:

Bezerra explica com detalhes que a programação é colaborativa, já que todos os participantes do coletivo opinam e sugerem filmes, podendo ser filmes produzidos pelo Mate Com Angu ou por integrantes do Coletivo, baixados da internet ou indicados por colegas que produzem filmes em outros estados brasileiros (o Mate Com Angu conta com uma rede de reciprocidade que possibilita até mesmo ter em suas sessões filmes inéditos que nem entraram em circuito ainda) desde que sejam curtas-metragens. Os filmes produzidos pelo Mate circulam nos festivais nacionais e nesses locais de exibição de filmes os produtores e diretores se encontram e criam redes colaborativas.

II – quem são os produtores dos filmes veiculados:

Os filmes são retirados da internet, produzidos pelo próprio Mate Com Angu, por amigos cineastas do Rio de Janeiro e de outras cidades do Brasil. O Mate possui uma sessão em outubro chamada de CATAPULTA que é para lançamento de filmes inéditos. Essa é uma sessão badalada e alguns cineastas pedem para que seus filmes sejam exibidos neste dia, ou seja, há uma demanda por oferta de filmes para exibição. Além de filmes produzidos com poucos recursos terem também menos fôlego para circular e conseqüentemente menor espaço de exibição.

III – qual a autoimagem que emerge nas produções?

Silva faz uma análise/interpretação de alguns dos filmes produzidos pelo Mate. Entendo ser a interpretação algo bastante subjetivo, sempre haverá possíveis interpretações distintas, mas não seria esse o meu ponto, o fato é que Silva e Bezerra verificam que o território é o cenário, seja de documentários ou ficção.

A pesquisa pretende dar conta em alguma medida do impacto das imagens produzidas e projetadas pelo Mate. Não é o foco as pessoas externas aos municípios da baixada, mas não é negligenciado nesta pesquisa que outras pessoas também são impactadas quando vão às sessões e ao saírem replicam essa experiência em outros locais.

A imagem ao impactar o público, seja ele qual for, cria novos sentidos. O objetivo do Coletivo Mate Com Angu é recriar no imaginário do público em geral um novo sentido para Duque de Caxias especificamente e para a Baixada em geral. Verificar como se dá esse processo de impactar e se de fato ele está conseguindo alterar ao menos no imaginário dos frequentadores as possibilidades positivadas do município é o que estou verificando nesta pesquisa.

Essa afetação em outros locais é parte da proposta do Mate assim como trazer outro imaginário para Duque de Caxias e a Baixada Fluminense em geral e um público externo e heterogêneo dão conta de parte da proposta do Coletivo Mate Com Angu, mas não é o objeto desta pesquisa.

IV – Quais as referências locais utilizadas para construção da autoimagem?

- mais uma vez Bezerra sana essa questão explicando que é a partir de Igor Barradas, seu amigo de bairro e também fundador do cineclube, ao falar que produziria

um filme sobre Jardim Primavera, bairro de Duque de Caxias, surge o *start* para a criação do cineclube. Logo as referências são locais, as pessoas que se somam ao coletivo com o tempo são da Baixada ou com alguma identificação com a proposta do grupo. Com o tempo o grupo se fecha para manter uma identidade. Igor estava com medo de se tornarem heterogêneos demais e se perderem pelo caminho. Não queria uma institucionalização aos moldes de um partido político com disputas e demarcações de poder, pretendia manter um espaço descontraído e de formulações, não fragmentações.

V – quais são as referências fora da localidade utilizadas para construir a autoimagem?

- o trabalho de Gouvêa nos dá pistas deste ponto. Ela entrevista cinco membros do grupo e traz um diagnóstico de suas formações, posicionamentos políticos, ideológicos e suas formações seja formal ou audiovisual, demonstrando que tiveram formação em universidades e em escolas de artes, cinema ou similares.

VI – Sociabilidade a partir do cineclube.

- esse ponto pode passar a ser o foco da pesquisa, uma vez que existem outros locais de exibição dos filmes, oficinas oferecidas e mesmo a vinculação via internet.

O Mate se inscreve em vários editais públicos e faz parcerias com secretarias de educação de muitos municípios fluminenses. Nesse sentido, constrói por onde passa novas redes (capital social), novas adesões e se reformula constantemente, se atualiza e toma novo fôlego e novas perspectivas em sua maneira de fazer filmes, de criar novas linguagens filmicas e de se entenderem a partir do contato com os participantes de suas atividades.

VII – a atividade do cineclube possibilita a agência do público? Resignifica a percepção do direito a cidade e a cidadania?

- esse ponto pode ser desenvolvido, entretanto Gouvêa trabalha o cineclube como uma estratégia de exercício da cidadania cultural, mas na própria dissertação relata que essa é uma leitura sua enquadrada no conceito por ela utilizado, mas que não é uma pretensão do Mate. Para corroborar sua hipótese de que o grupo não se entende

assim, usa fragmentos das entrevistas em que os membros do grupo dizem não fazer ação para a busca de cidadania e não atuar na lógica da política pura, *stricto sensu*, mas que sua ação é sim política porque muda sentidos. Gouvêa entende que a atuação do Mate possibilita ao público interpretar o mundo por outra lente ou sob outros pressupostos.

VIII – como se dá a captação de recursos para as produções?

Bezerra explica em seu livro. O Mate com Angu não possui CNPJ, mas concorre em alguns editais públicos, possui um patrocínio de um curso de línguas e usa um espaço cedido para as exposições. As produções são feitas pelos indivíduos que em geral trabalham na área do áudio visual e usam a visibilidade que o Mate os confere para reverter em empregos que têm seus honorários em alguma medida reconvertidos para as produções.

O espaço de exibição é de uma ONG, que funciona como um consórcio, no qual há outras instituições que usam coletivamente o espaço e os únicos custos são os impostos.

IX – como se dá a captação de recursos para manutenção do cineclube?

- como dito acima, o espaço é cedido por uma ONG, que funciona como um consórcio, onde há outros agrupamentos culturais, como bandas, saraus e outras atividades afins.

Heraldo Bezerra, um dos fundadores do cineclube Mate com Angu, em seu livro “O Cerol Fininho da Baixada: Histórias do Cineclube Mate com Angu descarta possibilidades de um trabalho histórico reconstutivo do Mate Com Angu. O livro mostra a partir de um *locus privilegiado*, ou seja, de quem toca a agenda do cineclube desde sua fundação, a rotina e as transformações percorridas pelo cineclube nos últimos dez anos.

Nesse sentido um viés reconstutivo dessa trajetória não se faz necessário para marcar a memória da atividade desenvolvida pelo grupo. Bezerra expõe a maneira como o Coletivo se organiza, como são feitas as curadorias das sessões, como funciona a produção dos textos distribuídos em todas as sessões, relata de onde são os recursos que

possibilitavam o funcionamento das atividades etc. O cientista social deve sempre desconfiar das “verdades”, das coisas “dadas” como fatos, uma vez que são socialmente construídas e a própria interpretação dessas premissas também são construídas e como tal devem ser questionadas. Mas não pretendo neste trabalho verificar a veracidade do trabalho de Bezerra, nem tampouco o tornar a única leitura possível do Mate Com Angu. Porém minha presença no campo e outros trabalhos pesquisados sobre o Mate corroboram os pressupostos de Bezerra.

Tiago Aragão Silva, em sua dissertação intitulada “Nas Profundezas da Superfície do Mate com Angu: Projeções Antropológicas Sobre um Cinema da Baixada Fluminense – UNB, 2011”, se colocou o desafio de analisar a filmografia produzida pelo Mate Com Angu, para tal utilizou de uma literatura específica para a análise fílmica, selecionou e analisou alguns filmes produzidos pelo Mate no exercício de demonstrar a função do cineclube para o território no qual está inserido.

Para Tiago Aragão Silva, o Mate Com Angu tem uma relação direta com a baixada, segundo Silva (2011) o Mate teria a potência de desenvolver ou dissolver crenças – o filme teria a potência de relativizar e participar de um universo de imagens que forjam a representação do mundo no ocidente, que em muitos casos, não é experimentado presencialmente pelos moradores do território.

Ao relatar a cidade e interagir no campo da imagem que povoa o imaginário, percebendo ideias, lugares, coisas e pessoas, ou seja, ligações afetivas do lugar, o Mate interfere na “representação”. “Os filmes do Mate parecem resistir a uma tipificação, buscam com poesias e falseamentos trazer à tona a complexidade que é a urbe e a conexão com ela”. (Silva-2011).

Maria José Motta Gouvêa, em sua dissertação intitulada “Com a Palavra Mate com Angu – uma intervenção estética no município de Duque de Caxias, FGV-Rio, 2007”, constrói uma síntese na qual a ação do Mate é em relação ao território. A prática organizacional, o objetivo, a percepção do movimento artístico cultural e a busca da cidadania são relacionadas a Duque de Caxias.

A pesquisadora classifica o Mate como movimento cultural, mesmo sem o grupo se entender como tal, afirma que a produção/criação do grupo amplia a perspectiva de obtenção de cidadania cultural do entorno. A análise de Gouvêa demonstra que a ação do Mate supera a armadilha da exclusão social ao possibilitar participação social através da cultura.

Objetivos da Pesquisa

Contemporaneamente o cineclubismo se coloca organizado em associações, conselhos, sítios na web, página no Facebook e eventos como jornadas. As leituras iniciais dos materiais disponíveis de divulgação sobre o cineclube enfatizam a construção de uma identidade própria do “movimento” ou “organização não governamental” a partir da mobilização dos recursos na área que atua em prol e em relação à população de seu entorno, visando o estímulo da sociabilidade local, difusão cultural e formação de público.

A proposta é se configurar como um agente de política cultural de formação educativa de público, agindo na esfera local como uma associação da sociedade civil de criação-produção e recepção-consumo de audiovisual implementando uma política notadamente de democratização cultural (Motta,2007). O objetivo aparece como desencadear melhoria no espaço do vivido e com projeções a participações políticas universalizadas a partir do associativismo cultural que possam potencializar nos agentes modalidades de produção, de expressão, de visão de mundo a partir da sociabilidade autóctone, que proporciona percepções culturais dinâmicas e com vistas ao desenvolvimento global.

Os cineclubes estão situados em diferentes lugares como universidades, instituições além de bairros populares e/ou periféricos. Focarei o estudo no cineclube Mate Com Angu que atua na Baixada Fluminense.

Este trabalho pretende como os agentes criadores dos cineclubes se organizam, seus pontos em comum, seja no âmbito político, ideológico ou de *posição de classe*. Visa ainda, entender em que medida os membros do Mate são o próprio público do cineclube. Para aferir melhor estes tópicos será analisada a motivação da adesão: como estratégia de distinção ou como uma maneira de interagir com o mundo exterior ao território na construção de uma lente que possibilite interpretar o mundo a partir da comunidade local, mas que ao mesmo tempo seja uma lente que subsidie a visão\interpretação que a sociedade em geral tem da periferia, uma visão construída a partir da mídia hegemônica ou oficial em nosso país.

Este estudo objetiva verificar se o cineclube é uma estratégia de distinção de extratos da classe média em busca de reconhecimento ou uma alternativa popular de produção áudio visual por parte da população à margem da produção tradicional, que

requer grandes incentivos fiscais e econômicos ou ainda a busca de novos estereótipos para uma maior projeção do público.

Capítulo I – Perpassando o Objeto

O Objeto Cineclube: um breve histórico

A historiadora Barbara Butruce (2003) fala do início da atividade cineclubista no Brasil em junho de 1968 com a criação do Chaplin Club no Rio de Janeiro e expõe que em 1917 Adhemar Gonzaga, Pedro Lima, Paulo Vanderley entre outros se reuniam para debater filmes após as exibições no Cine Íris e Pátria, atividade similar a de um cineclube. Entretanto é em 1968 com o Chaplin Club que se caracteriza o início da atividade cineclubista no país. O artigo de Butruce mostra de maneira diacrônica a história não linear do cineclubismo no Brasil. Marca como pano de fundo que era uma atividade de poucos e para poucos, com perfil marcado por intelectuais e artistas em sua fundação. A autora ainda aponta a participação de instituições importantes na história nacional que em alguma medida impulsionaram ações cineclubistas como a Universidade de São Paulo, a Igreja Católica, o Museu de Arte Moderna de São Paulo (mesmo antes de ter esse nome) e os constantes conflitos com o Estado, que colocaram em alguns momentos o cineclube na clandestinidade.

A etnografia realizada por Francine Nunes Silva (2007) mantém o viés histórico abordado por Butruce ao trabalhar os conflitos entre cineclubes e a ditadura militar brasileira pós 1964, a origem intelectual do cineclube no país e o apoio da igreja em momentos importantes. Como campo empírico de pesquisa, realiza uma etnografia no cineclube Lanterna Aurélio de Santa Maria – RS, fundado em 1978.

A dissertação intitulada “Prática de Recepção Cultural e Públicos de Cinema em Contextos Cineclubísticos” de Natália Maria Azevedo Casqueira (1997) trabalha a recepção cultural sob o viés da formação, fixação e alargamento do público cineclubista na cidade do Porto e adjacências em Portugal. Casqueira quer saber como os cineclubes definem e planificam políticas de atuação associativa através da cultura e criam e difundem os conteúdos culturais. Além de verificar as estratégias de difusão cultural e formação do público local.

Natália Maria Azevedo Casqueira define o movimento denominado cineclube:

Os cineclubes locais, inseridos em contextos urbanos, tendem a configurar-se, enquanto espaços associativos como um possível quadro de interação estruturado em torno de redes de sociabilidades estreitas, estabelecidas entre grupos mais ou menos restritos de públicos de cinema ou de associados mais ou menos activos, dotado de uma oferta cultural específica e estruturador das práticas culturais e de interação dos seus públicos. Os espaços cineclubísticos podem ser conceptualizados a partir do modo como condicionam, individual, cultural e socialmente, as práticas sociais e culturais dos agentes. Nessa linha de análise, seriam um "conjunto estruturado de normas e regras, de limites e percursos, de sequências preferenciais e lógicas alternativas, de repertórios e de códigos, uma configuração específica que organiza, enquadra, sistematiza, codifica e regulamenta as práticas sociais que nesse quadro se verificam (Casqueira,1997).

Os trabalhos que trataram o tema cineclube se detiveram na adoção de uma perspectiva histórica, associativa ou cultural na qual o cineclube fora um agente formador de público audiovisual e consumo de filmes com menor apelo comercial. Neste trabalho o ponto é verificar se a partir da produção filmográfica do cineclube Mate Com Angu a ideia/representação do território onde o cineclube atua é impactada, uma vez que o viés proposto pelo projeto de pesquisa e pelo cineclube é em relação à Baixada Fluminense, mais especificamente Duque de Caxias. Em geral, pretendo verificar se a partir da atividade do cineclube há um desencadeamento virtuoso de melhoria no espaço do vivido após o contato com a filmografia apresentada nas sessões.

O texto de Rodrigo Bouillet⁶(2008) então presidente da Associação de Cineclubes do Rio de Janeiro constata que, entre 2002 e 2009, na Fundação Progresso houve uma espécie de resistência cineclubista a partir da realização da Mostra “O Que Neguinho Tá Fazendo”, que consistia em encontros geralmente mensais nos quais estudantes de cinema e afins se encontravam para exibirem seus próprios filmes e utilizando seus próprios equipamentos rudimentares.

Em 2000 surge em Niterói o Projeto Cineclube Henrique Lage com foco na exibição de filmes para a rede pública de educação de Niterói e São Gonçalo com debates após a sessão. Os debates contavam com a participação da Escola Técnica

⁶Fonte:http://www.academia.edu/12761287/ASCINE-RJ_Associa%C3%A7%C3%A3o_de_Cineclubes_do_Rio_de_Janeiro. Acesso em 22/08/15 às 22:55.

Estadual Henrique Lage e convidados externos. O projeto contava com o acervo do CTAV e da Filmoteca do Canadá – Centro de Estudos Canadá – UFF. O grupo do Henrique Lage também participava do O Que Neguinho Tá Fazendo da Fundação. Em 2001 também em Niterói surge o Cineolho, grupo constituído entre outros por alunos egressos do curso de cinema da UFF.

Na década de 1980 o departamento da Embrafilmes, que fazia cópias de filmes em 16 mm cujas matrizes eram produzidas em 35 mm, fecha as portas. A partir desse momento o custo para aquisição de novos filmes fica praticamente inviável no país, dificultando a circulação de novos filmes. A produção de filmes nesse período se restringiu ao círculo universitário e os estudantes de cinema da UFF do Centro Técnico Audiovisual (CTAV) de filmes antigos.

Nesse cenário de dificuldades e limitações dois refúgios foram encontrados para a manutenção da atividade cineclubista na cidade do Rio de Janeiro: o Cine Odeon e a Cinemateca do Museu de Arte Moderna. Já na virada do século XX para o XXI a mudança na base tecnológica dos filmes, que passaram a ser digitais e não mais em película, aliado ao maior acesso a internet barateou os custos de aquisição de novos filmes, a produção e também possibilitou o surgimento de novos produtores, agora fora do âmbito acadêmico. Nesse momento eclode um número significativo de novos cineclubes de várias denominações, motivações e orientações pelo país afora.

Só para demonstrar um pouco desse avanço veja a pequena lista de cineclubes que surgiram pós onda digital: Utopya, Digital, Nós na Fita, Wilson Grey, Cine Artes UERJ, Cine Magia, Cinema com Batuque, Atlântico Negro, Tela Brasilis, Águas Férrias, Mate Com Angu, Beco do Rato, Curta o Curta, Cachaça Cinema Clube, CineMofu, Ankito, Subúrbio em Transe, CineOlho, Cine Rural, Sua Escola no Cineclubes, Nictheroy Cine Clube, Marapicu, Cinema Paraíso, Maré Cine, Cine onda verde, Cine Belém, Nova Era Digital, Nosso Tempo, Cine Visão Coletiva, Cine Chega Mais, Galinho do Barão, Porciúncula, Professor Assuramaya, Lumiar, Paraty, Cine Tribal, Cine Camarim, Buraco do Getulio, Aymoré Digital, Campeões Cineclubes, Núcleo de Exibição Itinerante de Rio Bonito, Cineclubes Sire, Cineclubes Macaba Doce – Macaé/RJ, Espaço Cultural Cidadania em Movimento (Cineclubes Nosso Tempo), Prefeitura Municipal de São José de Ubá – São José de Ubá/RJ, CCIC Baixada – Belford Roxo/RJ, Cine IVA – Angra dos Reis/RJ, Cine África, Educação em Tela / UFRJ/ FE, Cinemanguinhos, Ramal Cineclubes, Comendador Digital Cineclubes – Cineclubes Subúrbio em Transe – Cinema Paraíso – São Gonçalo/RJ, Microcine

Cinemabrazil – Instituto Cultural Cinema Brasil, Cine Club Jardim – Associação Musical e Dramática Honório Coelho - Silva Jardim/RJ, Cineclube Toca dos Leões.

Entrada no campo

Apareceu uma oportunidade de participar da oficina de cineclube oferecida pelo Mate Com Angu na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu (ELC) fiz a inscrição e fui selecionado.

No momento da entrevista da seleção me veio uma dúvida comum a muitos pesquisadores: se identificar ou não como uma pessoa que estava ali com o objetivo de analisar o grupo e não como mais um aluno da oficina. Como avaliar no momento que o pesquisador se aproxima de seu objeto se será melhor para a pesquisa a identificação como pesquisador ou não? A pesquisa sofreria *bias* com a revelação ou eu estaria cometendo um ato antiético em não me revelar como pesquisador? Uma vez que estaria ali naquela interação para cumprir uma missão, que no limite é classificar, analisar e construir uma interpretação das ações realizadas por aqueles sujeitos. Como chegar e logo ir falando o motivo de estar ali participando daquela seleção com objetivo classificador?

Preferi me identificar, entendo que durante todo o tempo minha inxerção no campo foi sendo caso a caso negociada, o que aparecerá ao longo do texto. O grupo já tinha algum *know how* com pesquisadores, já que havia outras dissertações publicadas sobre o grupo. Achei que não seria selecionado, embora em outro momento, descobri que o número de candidatos foi menor que a oferta de vagas. Fato é que fiz a oficina denominada “Cinemamor-Cineclubismo e Outras Paixões” aos sábados das 14h às 17h de julho a outubro de 2013 com carga horária de 32h e ministrada na Escola Livre de Cinema de Nova Iguaçu pelo Coletivo Mate Com Angu de Duque de Caxias. Não havia público alvo delimitado, mas uma ideia de heterogeneidade, com jovens e adultos, com e sem acúmulo no audiovisual. Algumas alunas já tinham feito outras oficinas seja da Escola de Cinema ou do Mate Com Angu e todas as oficinas foram gratuitas.

As oficinas eram ministradas pelos participantes do Mate, não havia um cronograma bem definido, havia temas que deveriam ser abordados e ao menos um membro do grupo que tivesse agenda naquela semana ministraria a aula. No início havia muitas exibições de filmes, uma tentativa de educar o olhar, segundo membros do

Coletivo, sempre trabalhando com curta-metragens e fragmentos de longas que serviam para ilustrar algo, como o filme Homem da Capa Preta que serviu para contextualizar Duque de Caxias, falar dos motivos da escolha do nome do Coletivo e outras questões.

Em uma dessas exposições foi explicado o significado da escolha do nome do Coletivo. Sendo assim segue abaixo o trecho/citação do livro de Bezerra no qual ele relata o momento da fundação do cineclube Mate Com Angu.

A decisão de criação do cineclube foi unânime e o momento de escolher o nome foi engraçado. Havia o desejo de que o grupo tivesse um nome ligado à Baixada, e se possível que fosse engraçado, ou jovem, leve, sei lá; que não fosse algo pesado, que fosse sonoro, algo por aí. Os nomes que foram surgindo na mesa eram um primor de carece e por pouco não foi escolhido algo bem terrivelmente convencional. Foi quando sugeri com total descomprometimento: “mate com angu”. Houve um momento de silêncio e um natural questionamento: Hã? Mate com angu? Como assim? (Bezerra, 2013)

Até aquele ano, 2002, havia pouca coisa publicada sobre a Escola Regional Meriti, a Mate Com Angu, e sobre sua fundadora, a educadora Arminda Álvaro Alberto. Como apaixonado que era por essa história eu já tinha lido praticamente tudo que tinha sido impresso no Instituto Histórico da cidade, e já tinha entrevistado algumas pessoas sobre o assunto. E carregava o desejo de um dia tornar popular essa história incrível. Como geralmente falo sobre esse assunto com muita paixão, devo ter causado uma forte impressão na galera. Resultado: assunto encerrado, esse seria o nome.

Lembro ainda do Igor empolgado gritando: “É isso, é isso!”. Ironicamente, tentei várias vezes demover o grupo da idéia. Achava que ia pegar mal, que ia confundir, que ia, que ia, sei lá. Não teve jeito: nascia ali naquela sala o cineclube Mate Com Angu. “Sob as bênçãos do espírito revolucionário de Dona Arminda.” (Bezerra, 2013-49/50)

Em relação aos conhecimentos sobre cinema propostos na oficina fui privilegiado, uma vez que no curso mestrado fiz uma disciplina sobre cinema em que estudei teoria e vi muitos dos filmes clássicos além de ler e ver sobre a história do cinema e o seu contexto de surgimento. Esse conhecimento facilitou minha participação na oficina, uma vez que a maior parte do público era jovem e em início da formação audiovisual e de visão de mundo em geral. Havia algumas pessoas com mais idade que eu no início da oficina, mas ao término não sobrou nenhuma com este perfil.

Houve uma segunda oficina denominada Laboratório Mate Com Angu de Cinema e Cyberativismo na qual fui previamente selecionado, neste momento já frequentava as sessões do Mate em Duque de Caxias na Lira de Ouro⁷ bebia cerveja com alguns componentes do grupo e nestes momentos falava-se muito sobre o Mate, as funções de cada um, a mecânica do trabalho e os postulados dos projetos tocados em outros espaços. O livro de Bezerra me ajudou, facilitou e orientou as falas, não me senti um *outsider* nos bates papos, já havia lido o livro e ouvido muito a respeito do Mate.

Um fato interessante e de pertencimento foi a minha indicação para uma oficina de Cinema Negro oferecida por outra instituição. Uma das componentes do grupo me convidou e mandou meu nome como membro do Mate para eu ter direito a passagens e alimentação gratuitas. Na vida cotidiana isso seria um fato corriqueiro, mas em uma pesquisa é um dado sociológico. Seria uma maneira de me entender como parte constituinte do grupo?

Nesse contexto, vale lembrar que não fiz entrevistas formais, com datas, roteiro e gravações, optei pelo convívio, já que pretendo analisar o vivido. Ao meu modo, passei a participar do convívio com o grupo, dos bates papos informais com parte dos membros que são mais acessíveis. Um dado importante é a sazonalidade dos membros, pois não há uma homogeneidade quanto às participações, nenhum membro ganha a vida através do Mate, todos exercem outros trabalhos para reproduzirem materialmente a vida. Porém, muitas oportunidades surgem a partir do Mate, uma vez que ao longo do tempo estabeleceram uma rede. Segundo HB, os vídeos institucionais produzidos pelo Mate não agradam no sentido político da ação, mas ajudam a pagar as contas pessoais e a financiar o cineclubes.

O Coletivo Mate Com Angu não realiza reuniões ordinárias, resolve suas demandas em fóruns pela internet, a partir de emails de grupo e similares, sendo assim não há possibilidade de participação em uma reunião para fazer uma observação participante e como não sou do grupo não tenho acesso ao grupo de mensagens. Mas

⁷ Segue relato de Bezerra sobre a Lira de Ouro “A Lira de Ouro originalmente era uma banda musical, fundada na década de 1950, que se apresentava nos eventos da cidade e a representava em eventos fora dela; também formava músicos e teve grandes momentos de glória.

Mas depois de mais de uma década e meia de declínio, a banda tinha praticamente acabado nos anos 1990 e a diretoria contava com poucos membros, incluindo dois fundadores vivos, seu Acácio de Araújo e seu Ramiro. E o espaço estava literalmente caindo aos pedaços, servindo de estacionamento, mal conservado,(sic) e com um acúmulo impressionante de impostos atrasados.”(Bezerra,2013:92). Após articulações relacionadas a seguimentos da cultura local o espaço foi reaberto e utilizado como um consórcio por agentes culturais locais.

isso não impede a partir do convívio entender algumas dinâmicas do grupo e ora ou outra saber quem fechou um texto, deu a ideia de uma produção ou indicou o filme A ou B para a sessão do mês.

Após mais um tempo de convívio e posterior a minha qualificação no mestrado, mostrei o texto provisório aos integrantes do Mate e a partir de então me adicionaram no email de grupo do coletivo e me convidaram para algumas reuniões presenciais. Só compareci a uma que ocorreu na casa do Igor; fui convidado em outros momentos mas por questões pessoais não pude comparecer. Veja, fui indicado para uma atividade externa como sendo representante do Mate com Angu, depois fui inserido no grupo de email, vejam como ao longo do tempo minha inserção foi sendo negociada e mudada de status.

Ao participar do email do grupo e do grupo fechado que o Mate mantém no facebook pude me apropriar melhor da dinâmica do grupo, das formulações, da divisão de tarefas, soube como chegam as demandas, percebi que muitas das ações realizadas pelo coletivo é em função de respostas a demandas externas. Como o grupo possui uma rede de relações bastante ampla, propostas de parcerias e ajuda em novos empreendimentos sempre chegam e, uma vez coletivizadas, alternativas são propostas, novas ideias se somam às já existentes surgindo novos projetos e idealizações.

Um exemplo dessas articulações é o FORAS (Fórum de Oposição e Resistência ao Shopping) e o crowdfunding que o Mate está articulando com outras sete instituições. Não são demandas oriundas do Mate diretamente, mas em alguma medida são reconhecimento da sua potência em pautar uma agenda proativa no tocante a área da cultura com incidência direta na política adotada na cidade, seja no viés cultural, urbanístico ou estrutural.

O FORAS é uma luta da comunidade caxiense contra a instalação de um shopping no Centro de Caxias. No entendimento dos manifestantes o empreendimento traria caos ao trânsito e danificaria a Escola Municipal Doutor Álvaro Alberto. O grupo busca a construção de uma área verde e a reforma e o tombamento da escola local. O Mate já produziu um filme e tem feito uma divulgação nas ruas e nas redes sócias contra a construção, ou seja, o Mate faz uma intervenção positiva no território, positiva no sentido que interfere no cotidiano, se não com a conquista política de suas demandas, impacta no sentido das ações, cria uma maior reflexividade para ações que passariam despercebidas pela população e municípios vizinhos.

O crowdfunding (financiamento coletivo) denominado Gomeia em homenagem ao babalorixá Joãozinho da Gomeia, que residiu e deu visibilidade a Duque de Caxias nas décadas de 1940/50 e 60, fazendo uma mudança de fluxo na cidade, levando visitantes ilustres até a Baixada Fluminense como Getulio Vargas, Juscelino Kubitschek e Dorival Caymmi. O financiamento coletivo visa por em funcionamento um galpão de gestão e funcionamento coletivos de empresas e projetos sociais.

O Foras e o Gomeia são exemplos da articulação, capital social e político do Mate na região, são propostas de intervenção no território, uma articulação que mobiliza câmara municipal, prefeitura, comerciantes, escolas, agentes culturais, militantes em geral. Com pautas que incidem no dia a dia de milhões de habitantes de Duque de Caxias e municípios próximos como Belford Roxo, São João de Meriti, Mesquita, Petrópolis e Nova Iguaçu. O Mate mexe com o imaginário e também busca mudanças físicas no território.

Análise da bibliografia sobre o Mate com Angu: problemas e soluções

Heraldo Bezerra o HB, um dos fundadores do cineclube Mate com Angu em seu livro “O Cerol Fininho da Baixada: Histórias do Cineclube Mate com Angu”. Ed. Aeroplano – RJ, 2013, descarta possibilidades de um trabalho histórico reconstrutivo do Mate com Angu. O livro mostra a partir de um lócus privilegiado, ou seja, de quem toca a agenda do cineclube desde sua fundação, a rotina e as transformações percorridas pelo cineclube nos últimos dez anos.

Tiago Aragão Silva em sua dissertação intitulada “Nas Profundezas da Superfície do Mate com Angu: Projeções Antropológicas Sobre um Cinema da Baixada Fluminense – UNB, 2011”, se colocou o desafio de analisar a filmografia produzida pelo Mate com Angu, para tal se utilizou de uma literatura específica para a análise fílmica, selecionou e analisou alguns filmes produzidos pelo Mate no exercício de demonstrar a função do cineclube para o território no qual está inserido.

Para apresentar a função do Mate e sua relação com o território e sua população, uma vez que segundo Silva (2011) o Mate seria: a partir das análises dos filmes, o Mate teria a potência de desenvolver ou dissolver crenças – o filme teria a potência relativizar e participar de um universo de imagens que forjam a representação do mundo no ocidente, que em muitos casos, mundo este não experimentado presencialmente pelos moradores do território.

Ao relatar a cidade e interagir no campo da imagem que povoa o imaginário, percebendo ideias, lugares, coisas e pessoas, ou seja, ligações afetivas do lugar o Mate interfere na “representação”.

“Os filmes do Mate parecem resistir a uma tipificação, buscam com poesias e falseamentos trazer a tona a complexidade que é a urbe e a conexão com ela”. (Silva-2011).

Maria José Motta Gouvêa em sua dissertação intitulada “Com a Palavra Mate com Angu – uma intervenção estética no município de Duque de Caxias, FGV-Rio, 2007”, edifica a síntese na qual a prática organizacional do Mate, o objetivo, a atração, a percepção do movimento artístico cultural e a busca a partir da atividade de cidadania são em relação ao território.

Enquadra o Mate como movimento cultural, mesmo sem o grupo se entender como tal, afirma que a produção/criação do grupo amplia a perspectiva de obtenção de cidadania cultural do entorno. Se pretende analisar como o Mate supera a armadilha da inclusão social e construir de fato participação social e cultural, verifica esses pressupostos a partir de entrevista com cinco membros do Mate.

Descrição Física do espaço

A Lira de Ouro local onde ocorrem as sessões regulares do Mate é um espaço físico que foi reformado e possui boa infraestrutura. A maior reclamação dos membros do Mate Com Angu é em relação à acústica do local uma vez que o telhado é de folha de zinco, material que segundo alguns membros do grupo dificulta a equalização do som propagado. No geral o espaço atende às demandas de uma sessão de cinema, há dois banheiros, um feminino e um masculino, que sempre estão em bom estado de conservação, o chão é de cimento, meio grosso, para evitar possíveis escorregões. Ainda na parte inferior funciona um bar que tem os recursos adquiridos com a venda de bebidas e revertidos para a Lira de Ouro. É proibido entrar com bebidas de outros bares para privilegiar o local, mas a maioria dos participantes das sessões bebe no bar do Russo em frente à Lira. Desde que chega, o público se concentra na parte exterior à Lira e fica batendo papo e bebendo cerveja no Russo e prestigiando o futebol das quartas-feiras exibidos estrategicamente pelo comerciante.

Na parte superior do banheiro e do bar há uma espécie de galeria na qual o público assiste ao filme e fuma, o que a legislação permite e o que ela não permite. Nesse espaço superior em alguns momentos ocorrem exposições, já presenciei algumas, como de fotografias, de poesias e artesanato.

Na parte frontal há um palco, no fundo dele é colocado o telão para a projeção dos filmes. Nesse mesmo palco acontecem os shows posteriores às sessões. *Convidar alguém para a apresentação posterior à sessão é sempre complexo* uma vez que gera algumas demandas como qualidade do som, infraestrutura para buscar e levar o/os convidado(s), e os recursos para pagar mesmo que seja simbólico o cachê.

Na parte posterior ao palco ou nos fundos da Lira tem um espaço com salas onde ocorrem reuniões e outras atividades que em alguns momentos são paralelas às sessões. Em nenhum momento uma atividade exclui ou atrapalha a outra e em alguns momentos o público de uma atividade vira da outra. O espaço da Lira foi conquistado pela articulação dos movimentos culturais da cidade de Duque de Caxias.

Descrição da sessão

A sessão inicia com grande antecedência, muitas das vezes ela é pensada, mas fica em *off* esperando uma oportunidade, uma maior adesão dos membros do Coletivo a determinada proposta. A época do ano, o debate político cultural do momento na sociedade em geral, o contato com algum filme, diretor ou o resultado de uma oficina exitosa, que geralmente resultam em um produto final, que é um filme, podem servir de mote/inspiração para ser o tema de uma futura sessão do Mate Com Angu.

A sessão é marcada para começar às 20:40, mas a exibição nunca inicia no horário previsto. Porém, isso é questionável, uma vez que o público ao chegar inicia por conta própria a sessão à sua maneira. O espaço é pensado para ser um encontro e cumpre essa função. A exibição dos filmes é o mote, o catalisador/provocador para se convidar velhos e novos amigos ou os amigos por se conquistar.

Antes das 20:40 o portão da Lira de Ouro já está aberto, geralmente há alguma outra atividade no local anterior a sessão do Mate. O equipamento utilizado para a exibição e propagação sonora dos filmes é da Lira de Ouro.

A Sociedade Musical e Artística Lira de Ouro Originalmente era uma banda musical, fundada na década de 1950, que se apresentava nos eventos da cidade e a representava em eventos fora dela; também formava músicos e teve grandes momentos de glória.

Mas depois de mais de uma década e meia de declínio, a banda tinha praticamente acabado nos 1990 e a diretoria contava com poucos membros, incluindo dois fundadores vivos, seu Acácio de Araújo e seu Ramiro. E o espaço estava literalmente caindo aos pedaços, servindo de estacionamento, malconservado, e com um acúmulo impressionante de impostos atrasados.

Havia rumores de que alguns empresários em conluio político iriam tomar o imóvel dos velhinhos, e um grupo de amigos ligados à imprensa e à cultura, com o músico Beto Cavaco à frente, propuseram à diretoria um acordo de cuidar do espaço, sanar as dívidas, revitalizar a banda em troca de pôr o espaço a serviço da cultura da cidade. Eles toparam, e daí um lindo mutirão de pessoas na cidade, das mais variadas áreas, começaram a fazer eventos culturais e almoços comunitários, negociar as dívidas, fazer obras, organizar finanças, reformar o estatuto, e cuidar de toda a parte burocrática.

(Bezerra, 2013)

A Lira de Ouro é uma associação que funciona como um consórcio de instituições sociais com algum tipo de intervenção cultural no entorno. A gestão é rotativa, em cada período há uma nova eleição e o representante de um dos movimentos integrantes do “consórcio” assume a presidência. O telão, o som, a mesa de som e um dos computadores utilizados durante a sessão são da Lira. Atualmente é o próprio presidente da Lira, Alan, representante do *movimento hip hop*, com a ajuda do “seu Helinho” quem monta o equipamento para o Mate exibir os filmes.

Menos de uma semana após a sessão, dá-se início a construção da sessão seguinte via e-mail de grupo do Mate Com Angu, denominado MCA. Alguém propõe um tema, parece que há uma ansiedade para propor algo que aglutine outros membros do grupo antes de outra pessoa propor algo e um número significativo de membros do grupo compre a ideia. Mas há casos onde mais de um tema é proposto e fica o que tiver mais adeptos ou se o outro propositor desistir do seu. A proposta que fica é a tematizada naquele mês, a proposta retirada pode ser o tema do mês seguinte. Não há regras, para propor um tema, a regra é que só será tema da sessão algo que seja legitimado pelo coletivo. Ao sair na frente e propor um tema “sai-se na frente” porque é sempre uma questão de gosto e se o tema proposto cair no gosto de outras pessoas ou se a defesa da importância/relevância dele naquele momento for boa o respaldo é maior.

Nas últimas sessões o tema foi definido rapidamente, em uma semana. Ao verem a proposta os membros do grupo começam a mandar filmes relacionados, e essas postagens são diárias. O grupo MCA possui atualmente quinze pessoas contando comigo que fui adicionado a convite dos membros. Imagine que após vários filmes sobre o tema serem postados fica mais difícil alguém propor outro tema que não seja o que já englobou tantos esforços.

Datas como o dia da mulher, o mês de novembro com o dia da consciência negra, o período de festas juninas e julinas, os debates englobantes da sociedade como a maioria penal, a homofobia, desigualdade de gênero, acesso à cultura são temas que influenciam a escolha do tema da sessão. A partir da escolha inicia-se a curadoria, que pode ser sugerida já a partir de um filme e este orientaria a sugestão de outros filmes para acompanhá-lo na sessão. Nesse momento cada um do grupo mobilizado por seu gosto, *know how* ou ideologia propõe os filmes que entendem dialogar com a proposta tematizada.

Sempre são escolhidos curta-metragens e a sessão dura em média uma hora e meia. A ordem de exibição dos filmes é distribuída em um folder junto com uma mensagem do grupo em relação ao tema, mas essa ordem geralmente não é respeitada.

Independente do número de expectadores a sessão inicia sempre após toda a infraestrutura estar pronta. Igor Barradas geralmente inicia os trabalhos com uma fala sobre o tema da sessão, dá alguns informes, fala da presença de algum diretor dos filmes, chama os diretores para uma fala acerca do filme a ser exibido e em seguida chama o HB para fazer uma fala. Essa ordem não é uma regra, mas somente quando Igor não esteve presente foi diferente. HB fala sobre a sessão, dá outros informes de oportunidades na área do audiovisual, faz alguns agradecimentos e pede para Igor ou outra pessoa que esteja próxima ao computador iniciar a sessão.

Não há uma disputa pela fala, quem quiser falar pede a palavra e fala ou negocia nos bastidores e divulga algo, como outro cineclube, um festival de cinema, um curso, exposição, mas os outros membros se comportam como público e não como anfitriões. Não há uma classificação hierárquica entre os de dentro e os de fora, há ali uma *concertação*.

As sessões do Mate são um verdadeiro ritual, não é apenas uma seleção e exibição de filmes. Há toda uma *concertação* entre os pares do Coletivo para chegar à execução da ação ao apertar o botão do play.

Em toda sessão há um tema, este tema é debatido via emails até ser fechado, em si já é uma atividade, depois há a confecção de um texto sobre o tema e relacionado aos filmes que serão exibidos, sempre há uma atividade para depois da exibição, pode vir a ser uma banda, um show de voz e violão, um sarau, DJ etc, em muitos momentos há exposições em relação ao tema da sessão, de artista que convivem na atmosfera do Coletivo. Há um bar dentro do espaço de exibição onde as pessoas compram cerveja, refrigerante e similares e ali mesmo já se inicia a “resenha” do tema e dos filmes da sessão, há um vendedor de livros usados que funciona como um livreiro ambulante, existe um bar em frente ao cineclube com uma televisão e que passa os jogos de quarta-feira e ele divide o público entre o jogo e os filmes.

Quando há algum diretor presente na sessão, há também toda uma deferência ao mesmo, as pessoas se aproximam e falam sobre o filme e sobre seus projetos futuros. Quem vai chegando faz questão de cumprimentar os integrantes do Mate, parece uma maneira de não parecer *outsider* no evento. A partir de todos esses expostos a sessão do Mate com Angu que se realiza sempre na última quarta-feira de cada mês é um ritual.

O Mate também é uma busca de identidade para seus produtores, pessoas que se coletivizaram em busca de uma linguagem filmica, mas que buscam uma identidade, uma forma de intervir ou impactar a realidade local: no sentido físico via políticas públicas que podem ser implementadas pelo poder público por conta da visibilidade que o cineclube possibilita ao municípios, tornando mais factível a degradação e a falta de investimento em infraestrutura local; e ao mesmo tempo uma busca identitária para o público que vai a uma atividade na baixada, seja ele do entorno ou o de outros municípios incluindo a capital. A estética trabalhada ali pretende proporcionar ao público novos sentidos e que a partir de uma nova visão de mundo, ao menos no campo estético, mude a si mesmo. Ou seja, o Mate é um espaço, entre outras variáveis, identitário.

Bar do Russo

Russo é o dono do bar que fica em frente fisicamente a Lira de Ouro, não entrevistei o dono do bar, mas como as quartas-feiras era o dia em que ocorria as sessões do Mate e também é na quarta-feira a noite que o futebol passa na televisão, o Bar do Russo era um competidor implacável das sessões, até mesmo os cineastas

convidados, com seus filmes sendo exibidos davam suas escapadas para verem o futebol e beberem uma cerveja gelada e comer um dos petiscos servidos no local.

O horário de início da sessão é algo meio que fictício, tinha até um horário marcado, mas que de fato a sessão só iniciava quando se percebia que a “energia” necessária para dar liga a sessão já estaria circulando pelo ambiente. Nesse interim entre o real início da sessão e a busca pelas condições objetivas e subjetivas necessárias ao início dos trabalhos o acolhimento era todo feito no Russo. Na verdade, foi no bar que consolidei minha “entrada em campo”, fui aceito no sentido de ser um real interlocutor.

A pesquisa se deu no ano de 2013, ano em que o Flamengo foi campeão da Copa do Brasil e a maioria dos jogos vi no Bar do Russo acompanhado de muitos integrantes do Mate, Bertoni era um fiel companheiro e um homem bom de papo e copo. Naquele local se construíram redes, afetos e múltiplos projetos de trabalho.

Motivações

O Mate Com Angu surge como objeto de estudo desta pesquisa quando preparava uma aula sobre globalização e mídia para uma de minhas turmas de ensino médio e iria utilizar o filme de Silvio Tendler sobre Milton Santos “Por Uma Outra Globalização: ou o mundo global visto do lado de cá”. Neste filme aparecem fragmentos de filmes produzidos pelo Cine Guandu de Japeri, idealizado por Pablo Cunha, à época membro do Mate Com Angu.

Nos filmes produzidos por esses cineclubes há uma nítida estratégia de visibilidade e ressignificação do território, construções afetivas e simbólicas em relação ao espaço do vivido, do corriqueiro, mas que transformam o território em cenário cinematográfico. A feira livre, os moradores, a estação de trem, a rodovia, as linhas de ônibus, paisagens em geral, que passam no dia a dia como coisas banais, são utilizadas como cenários dotados de valor, memória e novos sentidos.

Pablo Cunha passou em um concurso em Japeri para trabalhar com arte na rede pública do município e propôs aos companheiros do Mate levar a iniciativa para mais um município da Baixada. Durante o período de funcionamento (Pablo passou em outro concurso, saiu da Prefeitura de Japeri e após sua saída o Cine Guandu não teve continuidade) o Cine Guandu produziu mais de quinze filmes de curtametragem com

roteiros produzidos por jovens locais auxiliados por Pablo e o Coletivo Mate Com Angu.

A proposta do Cine Guandu era desenvolver um trabalho crítico em relação ao audiovisual com foco na realidade local do município para assim estabelecerem uma simbiose entre a arte e o contexto ao qual está inserido. A maneira encontrada para produzir filmes sem recursos foi a utilização de oficinas de roteiros para os jovens se familiarizarem com o fazer fílmico e a utilização de câmeras fotográficas digitais e telefones celulares como instrumentos pedagógicos de construção de novos significados para o território. A partir da rede construída ao longo do tempo pelo Mate no audiovisual os filmes do Cine Guandu ganharam espaço para exibição em lugares como o Circo Voador, a rede Sesc-Rio e os cineclubes espalhados pelo país afora.

O filme com maior repercussão do Cine Guandu e que também foi o utilizado no filme de Silvio Tendler foi “O Bêbado e o Lobisomem”. Esse filme de ficção retrata alguns infortúnios de um bêbado e o seu encontro com um lobisomem gay. Mas o ponto estético e político a ser considerado no filme são as locações, todas situadas em Japeri. As imagens de uma maneira ou de outra trazem ao espectador um impacto ao ver lugares do dia a dia reproduzidos na tela do cinema, algo que mexe com a visão/representação/sentido do território.

A motivação prioritária em pesquisar o Mate foi ele ser um cineclubes que produz filmes. Então já teríamos duas atividades: a exibição de filmes e a produção de filmes. Mas além promover essas duas atividades o Mate também participa de festivais de cinema, oferece oficinas de cineclubes em parceria com várias instituições; indiretamente profissionaliza seus membros para o mercado de trabalho do áudio visual e divulga em seus filmes uma imagem não estereotipada de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense. O Mate participa de atividades em universidades, alias na FEBF, que a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, que é um campi estendido da UERJ e possui tem uma relação estreita com o início das atividades do Mate Com Angu.

No cenário nacional de cineclubes o Mate é um dos agentes em debate, é filiado a Associação Carioca de Cineclubes(ASCINE-RJ), na Lira de Ouro tem seus representantes em constante diálogo sobre a cultura popular regional, em toda sessão há um folheto com a programação dos filmes e junto a programação há um texto, que em alguma medida é uma reflexão do grupo acerca de algum tema de relevância social ou mesmo uma crítica ao modelo societário padronizador das relações sociais. Usando maneiras diretas ou indiretas o Mate em seus panfletos se posiciona em relação ao

sexismo, mesmo que esse tema não tenha um denominador comum entre o grupo e sendo até de maneira latente motivo de conflitos como a fala de uma das participantes “as mulheres são sempre as produtoras, de uma maneira ou outra acabamos sendo produtoras”, crítica a heteronormatividade e ao enquadramento do desenvolvimento da sexualidade são temas recorrentes direta ou indiretamente, as relações raciais também são tematizadas.

O Mate percebeu que poderia difundir a linguagem cineclubista de maneira mais generalizada através de oficinas construídas a partir de parcerias com outras instituições. Porém essa demanda não foi um cálculo do Coletivo, mas uma demanda exógena. Instituições como o SESC/Rio, escolas, universidades e tantos outros agrupamentos sociais queriam conhecer o movimento cineclubista e gerou uma demanda aos membros do Mate. No intuito de atender a essa demanda o Coletivo desenvolveu uma cartilha que denominou-se Guia para Prática Cineclubista, desenvolvida em parceria com o Programa Cinema para Todos do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

No Brasil em geral a indústria cinematográfica ainda está em desenvolvimento, as salas de cinema de rua a cada dia perdem mais espaço, vide o Cine Joia no Rio de Janeiro que faz de sua resistência o seu diferencial e também seu marketing. Em um cenário ruim para o cinema em geral a situação de cineclubes autorais e sem financiamento público ou privado fica ainda mais dificultada. Ainda assim o Mate e tantos outros cineclubes nacionais participam de festivais pelo país afora e além criarem uma retroalimentação filmica e de linguagens para serem exibidas em seus respectivos cineclubes, propõem articulações políticas para o setor.

A conjuntura não é das melhores, as participações nos festivais tradicionais são conflituosas e nos festivais “Alternativos” é dificultada devido a demandas não atendidas pela falta de legislações que ajudem o setor e por falta de recursos em geral.

Capítulo II: Os personagens e as Interações

Ao longo do trabalho de campo tive seis personagens como principais interlocutores, mas entrevistei vinte e um dos trinta e nove participantes do grupo de email do Mate com Angu. Para esta análise vou trabalhar prioritariamente com os interlocutores mais recorrentes e usarei de maneira mais tangencial as respostas dadas pelos outros entrevistados, mas colocarei em anexo a íntegra das entrevistas.

O cientista social e pesquisador é em geral um técnico treinado para produzir conhecimento e analisar o que foi produzido, como foi produzido, mas invariavelmente a regra de ouro da profissão é sempre desconfiar, mesmo das coisas mais cintilantes, desconfiar e investigar é o ponto de partida e de chegada, e ao chegar ter o entendimento de que se as perguntas feitas forem refeitas, ou feitas em outro contexto, forem feitas por um investigador que ainda não criou pertencimento ao grupo pesquisado, ou o interlocutor não acredita que de fato se está preocupado com a história que se tem para contar. Todas estas e tantas outras variáveis impactam nos resultados de uma pesquisa.

Tenho em mente como meus parâmetros jocosos e edificadores os trabalhos de William Foote Whyte e seu clássico *Sociedade de Esquina* (2005) no qual o autor participa de maneira questionável de uma campanha eleitoral na qual ela comete um delito pelos olhos da justiça formalmente constituída, mas tal ação o permitiu ter a confiança do grupo, bem como Howard Becker em *Outsiders: Estudos da sociologia do desvio*(2008) na qual o autor descreve todo o mecanismo de uso de entorpecente, mas não se coloca como usuário ou como ele mesmo sabedor de como se dá a utilização ao construir seu texto.

Não cheguei tão longe em minha interação, fiz amizades, elas me possibilitam aberturas e limites éticos que estarão presentes no texto, o campo sempre nos afeta.

Entendo arbitrariamente que o Mate possui uma liderança criativa, propositiva, afetiva e resiliente que é Igor Barradas. Igor é oriundo do Jardim Primavera em Duque de Caxias, local de locação de alguns filmes do Mate. Sua escolaridade é o ensino médio, não exercia uma militância social anterior ao Mate, era vizinho de bairro de HB, a partir do trabalho com o áudio visual foi convidado a ser sócio de uma empresa ambiental que usava vídeos em seu trabalho. Neste novo ramo de trabalho trouxe outros componentes do Mate para também trabalharem. Através de seu trabalho fora do Mate conseguiu uma certa mobilidade social e mudou de cidade, foi morar no Rio de Janeiro,

mais perto do trabalho e continuou seu trabalho junto ao Mate ao longo de toda a história de existência do cineclubes. Se tornou um articulador entre as instituições oficiais e os movimentos sociais do áudio visual e produziu e dirigiu alguns filmes.

Igor recebe as pessoas em casa, cativa amizades e assim cria uma circulação fácil por onde passa, nos momentos conflitantes pude perceber que usa a seu favor a peso simbólico que possui sob o grupo e esvazia as pautas que não concorda, maneira que encontra de evitar conflitos, mas também de silenciar pautas.

Heraldo Bezerra o HB, oriundo do Jardim Primavera em Duque de Caxias, cursou sem concluir comunicação social/jornalismo na UFRJ e não concluiu o curso. Foi professor de pré-vestibular comunitário em Caxias, possui nitidamente o potencial de se comunicar bem tanto na fala quanto na escrita, possui entrada na maioria dos grupos organizados dos movimentos sociais, foi da juventude do PT, ou seja, antes mesmo da existência do mate com Angu HB já tinha uma inclinação para agenciamentos coletivos.

Geralmente é o conciliador do grupo, o que possui maior trânsito entre os participantes do grupo e praticamente o redator oficial do grupo, que possui outros bons escritores.

Tadeu Lima trinta e três anos, morador do Jardim Primavera em Duque de Caxias, estudante de Geografia da FEBEF/UERJ, participou da juventude do PT, da União dos estudantes e outros agrupamentos de militâncias institucional, se entende como produtor cultural e tem formação em áudio visual.

Tadeu é um cara agitado, meio elétrico, carinhoso, acolhedor e atento. Está sempre grudado a Fabiana, sempre brigam e esquecem. Tadeu talvez seja a pessoa do grupo com a qual eu mais tempo convivi, percebi que falava bastante ao mesmo tempo que filtrava o conteúdo de sua fala a depender do público, é um cara de vestir a camisa do grupo e seguir da luta, estava sempre em quase tocas as frentes do Mate, exibição, produção de conteúdo e a parte educativa.

Sabrina Bitencourt, nasceu no Rio Grande do Sul na cidade de Capão da Canoa. Estudou Cinema da PUC-RIO, mora na cidade do Rio de Janeiro e trabalha regularmente como Produtora. Chegou ao Mate a partir de um convite do João Xavi, primo de Mazza, para assistir uma sessão do Mate e após uma visita do grupo a PUC a relação se estreitou e ela passou a compor o grupo.

Sabrina trabalha em uma produtora, é mais formal que todos os outros participantes, ela é de fato a secretária executiva do Mate, resolve as dinâmicas

burocráticas, orçamentárias, dinamiza editais, circula informações externas, dota o grupo de uma infra que o grupo não possui. Como ela lida na área, usa seu tempo de trabalho para fazer um duplo trabalho e ainda lida com as críticas a sua busca institucional, uma vez que o grupo ao mesmo tempo reclama por nunca ter recurso suficiente para as ações e não quer se institucionalizar e assim garantir formas ordinárias de acesso a recursos.

O trabalho de Sabrina não é simples e ainda destruiu meu projeto de pesquisa primário uma vez que é ela quem fala que o Mate é o centro de uma outra onda, nunca uma periferia.

Fabiana Albuquerque, nasceu em Duque de Caxias, tem trinta e dois anos e atualmente mora no bairro de Santo Cristo, Rio de Janeiro, formada em geografia, servidora do município do Rio de Janeiro e estudante de artes visuais. Fabiana é uma intuitiva, vai vendo as demandas e tentando ao seu modo dar conta, sempre perto de Tadeu se sente mais a vontade, os dois geralmente atuam juntos, notadamente na vertente educativa do Mate, dinamizando oficinas e também são articuladores das sessões.

Fabiana não é de entrar em polêmicas, disputas e fala com clareza que mesmo o grupo se colocando como anárquico, sem ordenação hierárquica interna há um peso maior para as proposições de HB e Igor.

Interessante que todos do grupo direta ou indiretamente admitem a prevalência dos dois fundadores, isso gera até algum conflito, mas ao mesmo tempo todos os reconhecem como referências, força motriz do grupo e presença constante nos bons e maus momentos do grupo.

Bia Pimenta, nasceu no Rio de Janeiro, na favela do Jacarezinho, mas morou da infância a vida adulta em Santa Cruz da Serra, bairro de Duque de Caxias, relativamente próximo do bairro Jardim Primavera. Possui trinta e três anos, iniciou e não terminou alguns cursos superiores, tais como: biblioteconomia, direito e história da arte.

Foi aluna de HB no pré-vestibular comunitário no período no qual o Mate foi fundado. Bia é a personagem mais explosiva, de temperamento mais conflitante do Mate, tem posições contundentes, as defende com firmeza e geralmente é voz dissonante. Interessante que mesmo após ser “vencida” ou seja, não ter seus postulados acolhidos pelo grupo, Bia permanece orgânica, tocando a agenda. Bia é a pessoa que pertence ao Mate que está mais aberta e disposta a trazer para o grupo temas novos, polêmicos e abordagens menos convencionais.

É uma defensora contumaz do direito das minorias em geral e das mulheres em particular e nem sempre tais pautas são acolhidas, na verdade o debate é sufocado para evitar conflitos e em geral pelo que pode observar, uma derrota em um mês não significa que nos próximos não haverá flexibilizações a fim de atender uma demanda que foi contida em sessão anterior.

Nesses conflitos pude observar a atualização do grupo, atualizar aqui não significa olhar para uma linha linear e agora estar em um ponto mais próximo, significa trazer ao tempo presentes as virtualidades propostas e deixadas na atmosfera do próprio grupo e da sociedade na qual eles estão inseridos.

Posições analíticas e teóricas

“Antes de qualquer ato de comportamento autodeterminado há sempre um estágio de exame e deliberação que podemos chamar de definição da situação”. Essa contribuição de Willian Thomas pode nos ser útil no entendimento de como o Mate Com Angu define os próximos passos a serem dados em suas ações. A situação é sempre definida a partir de um viés coletivo colaborativo no qual os membros do grupo possam trabalhar e estar juntos e que haja ainda possibilidades de expansão da ação ao ponto de atingir novos espaços/públicos ou mesmo novos movimentos sociais ou articulações como empresas, ONGs e similares.

Não há uma restrição ou crítica deliberada ao modo de produção capitalista como em um movimento social tradicional, que em geral tem alguma restrição ao capitalismo uma vez que o entende como estruturante social das desigualdades sociais e a partir desse entendimento os posicionamentos políticos são orientados. No Mate o viés é definido a partir da experimentação, o grupo está sempre disposto a entrar em novos desafios; se desafio levar em conta algo que possa em alguma medida agregar Duque de Caxias, as pessoas de Caxias, e mesmo se o aprendizado adquirido no novo empreendimento puder ser revertido em *know how* para posteriormente ser revertido para as oficinas do Mate, para novas parcerias e “fidelização” dos matianos, já se terá percorrido um bom caminho para se conseguir engajar o Mate. A definição de situação é a detecção de que se está por experimentar algo novo.

As contribuições de Everett Hughes quanto ao tema carreiras pode nos ser útil neste momento, uma vez que para Hughes “a vida dos indivíduos desenvolve-se

segundo uma certa ordem” que e em alguns momentos são escolhas, mas em outros são condicionamentos externos ao individuo, uma vez que a vida de cada um sofre influências, pressões diversas e imprevisíveis, além de excepcionais mudanças sociais. Partindo das formulações de Hughes é possível analisar pelas entrevistas que os matianos construíram uma carreira no *campo* do audiovisual e esta se deu de uma maneira direta ou indireta a partir do Mate, se não no início da carreira, na especialização dela.

Os matianos que já eram envolvidos com áudio visual como Josinaldo, que chegou ao Mate justamente para exibir um de seus filmes, relata que é orgânico, que assina seus trabalhos individuais como Mate Com Angu e que já foi até repreendido por isso. Mas por outro lado, ser reconhecido como sendo do coletivo pode ser também um sinal de status, na fala de Tadeu se evidencia esse argumento, quando ele fala que gostava quando perguntavam a ele ao o identificar como morador de Caxias se ele conhecia o Mate Com Angu e ele poder falar meio que despretensiosamente que conhecia a galera.

Igor Barradas fez seu primeiro filme sobre o bairro Jardim Primavera, denominado Expresso Primavera, sem ter experiência, domínio de cada etapa de construção de um filme. Mas a partir da existência do Mate seus próximos filmes saíram com outra dinâmica, outra estética e outras formas de contar histórias. Como ele mesmo relata “*o filme feito coletivamente fica mais inteligente que o autor*”, ou seja, ele construiu uma carreira, se classifica como cineasta, é o único entrevistado a se classificar como tal, em um cineclube que tem outros cineastas, como Cacau Amaral, Josinaldo e Pablo (se entendermos cineasta como a pessoas que faz filmes, ainda teria que por outros nomes), mas sua carreira foi construída como tal e referendada pelo grupo. Sua carreira foi construída nos festivais que participou nos filmes que gravou com os outros colegas, na empresa Abaeté na qual era o responsável pelos filmes ambientais produzidos.

Cada um dos matianos teve uma carreira, HB era professor de pré-vestibular comunitário, empresário em uma empresa de web, estudante de jornalismo, poeta e o Mate conduziu sua carreira para ser um homem do áudio visual, um animador cultural, veja que ela participou de alguns filmes do Mate como personagem, mas não se classifica como ator, mas como animador. É uma carreira construída no coletivo, mas uma carreira com etapas e inacabada como a vida.

Manu fez cinema na Darcy Ribeiro que por si só a credenciaria no mercado, mas não é bem assim. Porém a partir de um relacionamento afetivo e um emprego se envolveu com o grupo do Mate Com Angu e a partir desse contato direcionou sua carreira no áudio visual, sim por opção, mas também pelo viés afetivo do Mate. Trabalhou em produções do Mate e hoje faz oficinas de áudio visual e produção cultural pelo Mate e como freelancer. É possível verificar em sua trajetória uma interferência na orientação da carreira a partir do contato com o coletivo

Paulo Mainhard já era formado em cinema e teatro mas o contato com o Mate, fez dele assistente de direção, oficineiro de cinema e editor. Ele poderia até deter a técnica, mas qual material editaria sem estar no grupo? Hoje trabalha como editor em uma produtora, emprego que conseguiu a partir da indicação de Sabrina, também do Mate, mais uma vez a carreira de um dos membros é redirecionada a partir do contato com o grupo.

A assim ocorreu com Fabiana que apesar de ser geógrafa e funcionária pública, após contato com o Mate já fez curso de iluminação, cenário e hoje faz uma outra graduação nas artes visuais, será mera coincidência?

Rodrigo é uma exceção que comprova a regra? Ou talvez não seja aleatório ele conhecer e frequentar o Mate desde 2006 e só se institucionalizar em 2014 e nesse momento se encontrar afastado das atividades. Será que se ele tivesse desenvolvido uma carreira no campo do áudio-visual ele estaria afastado?

Carlos é formado e exerce a função de programador visual, mas expande seus conhecimentos e relações ao produzir festivais como o PerforMate, ou seja, sua carreira ganha outros contornos e projeção ao poder assinar algo como idealizador.

Pablo é um cara cheio de ideias, criatividade e se não fosse o Mate teria dificuldades para externar sua sensibilidade e inovações. Como o Mate se pretende um grupo não hierárquico Pablo se encaixa e pode ao seu modo e tempo contribuir com o grupo e assim também aprender a sistematizar suas ideias. Sem o Mate Pablo poderia não ter espaço/acolhimento para desenvolver e dotar de sentido a sua carreira na área do streaming, programas de webtv, filmagens e edição, *know how* que Pablo no mínimo aprimorou a partir do Mate.

Arthur desenvolveu sua carreira no Mate após passar por oficinas no local e outras tantas oferecidas pelos movimentos sociais. Tinha conhecimentos básicos sobre o áudio visual, mas o contato significativo foi proporcionado pelo Mate, a tal ponto de Arthur hoje reproduzir sua vida material a partir de trabalhos de *freelancer* de filmagens

e fotografia. Será que sem a experimentação que o Mate proporciona como sintetiza Anne em uma de suas falas, Arthur seguiria nessa carreira com tanta propriedade? Não quero propor um jogo de adivinhações mas relacionar as vidas dos personagens que fazem o Cineclube Mate Com Angu existir com suas vidas pessoais e profissionais. Não vou expor nesses comentários os matrimônios e relacionamentos amorosos ocorridos entre membros do grupo durante esses treze anos de existência, mas gostaria de lembrar que esses também influenciam nas carreiras, em alguns depoimentos é fácil detectá-los.

Entendo o áudio visual como um *campo* e o *modus operandi* dos matianos como um *habitus* que possibilitou a construção de suas carreiras na área, podemos utilizar os postulados de Bourdieu e Everett Hughes para ajudar no entendimento do percurso amalgamado de Mate Com Angu.

A noção de campo para Bourdieu constitui um espaço social de dominação e conflitos, no qual cada campo tem certa autonomia e possui suas próprias regras de organização e de hierarquia social.

Os agentes são indivíduos que, ao incorporarem as estruturas do campo nos seus esquemas mentais, são dotados de valores, interesses, gostos, visões de mundo e percepções, conferem sentido às suas ações e, portanto, não agem gratuitamente nos campos em que desenvolvem suas ações. Conseqüentemente, não são autômatos, nem autônomos.

Os campos gozam de relativa autonomia uns em relação aos outros, mas guardam uma homologia que permite pensar a posição de cada agente em todos os espaços de jogo possíveis. Pierre Bourdieu elabora, assim, um sistema teórico que não cessará de desenvolver as condições de participação social baseadas na herança social. O acúmulo de bens simbólicos e outros estão inscritos nas estruturas do pensamento (mas também no corpo) e são constitutivos do *habitus* através do qual os indivíduos elaboram suas trajetórias e asseguram a reprodução, determinada pela posição social do indivíduo que lhe permite pensar, ver e agir nas mais variadas situações. O *habitus* traduz estilos de vida, julgamentos políticos, morais, estéticos. Ele é também um meio de ação que permite criar ou desenvolver estratégias individuais ou coletivas.

Bourdieu demonstra que existe relação entre a cultura e as desigualdades escolares e sociais, a escola pressupõe certas competências que são de fato adquiridas na esfera familiar, ou seja, a probabilidade de êxito é relacionada à quantidade de capital social do indivíduo ou de sua família. A origem dos integrantes do Mate é diversa, mas

sua origem é Caxias e os laços são construídos a partir do local. A reprodução de classe é acompanhada de dinâmicas de desclassificação e reclassificação; assim, os indivíduos são herdeiros, reclassificados, desclassificados ou *parvenus*. No Mate não encontrei ninguém classificável como herdeiro, vejo um grupo de pessoas em mobilidade social e, talvez, em alguns momentos reclassificados.

O cineclube pode vir a ser um espaço com estruturas socializantes e disciplinares com orientações divergentes das orientações da família, vizinhança e escola, pode acarretar dificuldades de permanência ou potencializar o convívio uma vez que os laços são de acolhimento e não de cobrança. A metalinguagem e o comportamento social de um cineclube que se pretende contra normas sociais rígidas e ordinárias tende a ser conflitante frente aos padrões impostos via violência simbólica pela sociedade em geral.

Esses espaços são também espaços morais nos quais a cultura da vizinhança tende a ir de encontro à cultura familiar tradicional, influenciando na performance dos membros do grupo em geral. Bourdieu trabalha com a perspectiva de que a classe dominante se apropria dos bens culturais, e dessa forma, define quais instrumentos de apropriação/participação serão requeridos para o adentramento na estrutura, no modelo instituído. O autor cita como exemplo idas a museus, cuja frequência está diretamente relacionada ao poder aquisitivo, ou seja, idas a museus significa maior correlação de capital cultural para a classe privilegiada.

A educação formal é vista como retorno cultural e investimento para um futuro seguro dentro da competição que os indivíduos burgueses travam dentro de sua própria classe. Existe a possibilidade de aquisição de capital cultural por professores e especialistas, objetivamente, até de maior grau de capital cultural. Entretanto, esse investimento em capital cultural é mensurado dentro do próprio extrato social dos indivíduos, sendo as melhores ocupações destinadas para pessoas com maior capital social e a sua base de mensuração é instituída por cada campo. A frequência a museus diminui conforme diminui a escolarização, pois nesse lugar são usados códigos que não são os que a classe trabalhadora utiliza habitualmente. Para entender o sistema é necessário conhecer o “código cultural” para o deciframento da obra exposta, digo, em museus e a arte em geral.

No âmbito educacional, Bourdieu propõe que a pedagogia é implícita à familiarização com a cultura dominante e exige dos outros, o que não lhe foi dado,

como competência linguística, cultural, intimidade com os "modos". Em alguma medida o Mate propõe uma educação audiovisual.

O sistema de ensino alcança somente indivíduos dotados pela educação familiar, com uma familiaridade com o mundo da arte, já que, uma maior iniciação a bens culturais reflete-se em nível de instrução formal ou facilidade de assimilação dos conteúdos ministrados. O êxito nesse modelo de sociabilidade depende do grau de vinculação familiar à cultura erudita, nesse sentido, o *capital cultural* retorna ao *capital cultural*. Sendo a educação familiar responsável por transmitir a cultura dominante (*reprodução*). A classe dominante agrega valor social a partir da titulação escolar.

Mas como o mesmo modelo societário que é estruturante social também é estruturado, o Mate usa o capital simbólico do cinema para propor outra educação, com uma metodologia não escolar, mas de práxis.

O Caso Abaeté e as carreiras

Ouvi falar pela primeira vez na empresa Abaeté quando conversava com Igor. Ele me falou que teve uma empresa com duas moças que estudaram no IFCS/UFRJ e trabalhavam com meio ambiente e que o trabalho dele era fazer as filmagens, montar vídeos e a partir do trabalho da empresa pôde comprar um apartamento na Tijuca. Falou que uma das sócias o prejudicou e a outra sócia, por isso passou dificuldades e perdeu credibilidade junto aos clientes da empresa.

Essa empresa pode ser analisada como uma contribuição a própria carreira do Mate, indiretamente, fez muitos matianos conviverem. Uma analogia pode ser ilustrativa, os africanos escravizados quando “moravam juntos em senzalas” e os trabalhadores do modelo fordista quando trabalhavam aos milhares em grandes fábricas. Foi justamente estarem juntos que os possibilitou fazer sublevações, organizar fugas, queimadas das colheitas e assassinatos de Capitães do Mato e senhores de escravos.

Os trabalhadores organizaram-se em sindicatos, fizeram assembleias e greves a partir da articulação do dia a dia do trabalho em si e quando se encontravam em momentos como o almoço, saída e nas festas seja do sindicato ou da própria empresa. Nesse sentido estar junto na Abaeté por si só já é um embrião para a articulação, além de fazerem filmes, ou seja, a proposta da empresa tinha relação direta com uma das finalidades do Mate que é a produção de filmes.

Na fala de Luisa fica mais ilustrativo tal entendimento:

“A Abaeté foi fundamental *pra* o desenvolvimento profissional da galera, especialmente no tocante às oficinas, fizemos oficinas em 10 municípios da bacia de campos e outras no Ceará, Rondônia, Maranhão.”

Continua afirmando que:

Primeiro Barradas, depois HB, Mazza, Josi e aí veio mais gente Manu, Sabrina, Paulinho todo mundo passou pela empresa de consultoria Abaeté inclusive eu e Igor éramos sócios (a gente é hoje em dia também) mas agora de uma produtora a Iglu em breve a Sabrina vai entrar de sócia também, a gente trampou nessa empresa até 2010, quando fomos "saídos" pela sócia majoritária.

Igor entende que a Abaeté não teve interferência na dinâmica do Mate, mas Luisa entende diferente e as evidências demonstram que houve uma contribuição da experiência empresarial de membros do Mate em relação aos direcionamentos posteriores a passagem pela Abaeté. A intervenção principal foi a proposição e execução de oficinas com consequência em filmes autorais, nos quais alunos passam a ser agentes na construção de novos sentidos e interpretações do lugar onde vivem e vivenciam suas relações.

Continuações

No vídeo de cinco anos do Mate Sabrina fala que o Mate tá no centro de uma outra onda e essa frase de uma maneira ou de outra é replicada pelos membros com os quais teve contato. Há uma lógica, mas de desconstrução da noção estereotipada de periferia, mas não negando totalmente a noção de periferia, vendo como outro Centro em relação a ela mesma e neste sentido o Mate e Caxias constituem outro Centro.

O grupo oficialmente conta com trinta e seis membros no grupo do Facebook, desses vinte e um responderam as perguntas e foi verificado que dezessete deles não moram em Duque de Caxias, sete desses dezessete não moram mais no município e outros quatro ainda residem em Caxias, sendo outros dois oriundos do município

vizinho de São João de Meriti, mas um deles já não mora mais no município se mudou para a Zona Sul carioca.

Ainda resta a dúvida em relação aos outros quinze membros que não responderam, mas já é possível verificar que o Mate já em sua formação extrapolou as fronteiras municipais e permanece na busca pelo espaço que o cinema pode proporcionar.

É notório no grupo que indiretamente, uns mais outros menos, conquistaram alguma mobilidade social e *capital simbólico*. A atual configuração dos matianos está localizada mentalmente em Caxias, sua estética, discurso, memória e afetos também, mas fisicamente não. O grupo transita por Caxias, Rio de Janeiro, Baixada Fluminense e onde tiver que representar o Mate, porém o território é o cinema, espaço no qual a representação é focalizada em Caxias.

As sessões do Mate são um verdadeiro ritual, não é apenas uma seleção e exibição de filmes. Há toda uma *concertação* entre os pares do Coletivo para chegar à execução da ação ao apertar o botão do play.

Em toda sessão há um tema, este tema é debatido via emails até ser fechado, em si já é uma atividade, depois há a confecção de um texto sobre o tema e relacionado aos filmes que serão exibidos, sempre há uma atividade para depois da exibição, pode vir a ser uma banda, um show de voz e violão, um sarau, DJ. Em muitos momentos há exposições em relação ao tema da sessão de artista que convive na atmosfera do Coletivo. Há um bar, dentro do espaço de exibição, onde as pessoas compram cerveja, refrigerante e similares. Ali mesmo já se inicia a “resenha” do tema e dos filmes da sessão. Um vendedor de livros usados desempenha o papel de livreiro ambulante. Um bar em frente ao cineclube que possui uma televisão passa os jogos de quarta-feira e ele divide o público entre o jogo e os filmes. Quando há algum diretor presente na sessão, há também toda uma deferência ao mesmo, as pessoas se aproximam e falam sobre o filme e sobre seus projetos futuros. Quem vai chegando faz questão de cumprimentar os integrantes do Mate, parece uma maneira de não parecer *outsider* no evento. A partir de todos esses expostos a sessão do Mate com Angu que se realiza sempre na última quarta-feira de cada mês é um ritual.

Da noção de Laços fortes, laços fracos e capital social

Antônio Augusto Pereira Prates (2009), ao analisar duas favelas de Belo Horizonte e suas capacidades de articulação política, verificou a capacidade desses espaços conquistarem junto ao poder público suas reivindicações. Na tentativa de interpretar porque uma favela consegue conquistar com maior êxito suas demandas que a outra ele utiliza os conceitos de *laços fortes*, *laços fracos* e *capital social*. Para subsidiar sua hipótese Prates relaciona a capacidade de cada favela afetar seu capital social ou seus laços fracos.

Na construção de uma ideia de *laços fortes* ou *capital social* podem-se verificar variáveis que aproximam os membros do Mate, tais como: participação em ações coletivas, reuniões da associação, em geral em sindicatos, entre si ou de articulações em geral, coletivização orçamentária, organização de festas, campanhas Foras, Gomeia, Curta Caxias e tantos outros que visam conseguir algo para o cineclube ou para Caxias.

Os *laços fracos* podem ser mensurados a partir da verificação em articulações como: participação em reuniões informais com funcionários da prefeitura para debater algo referente a atividade cultural ou para benefício de Caxias. No mês de agosto de 2015 o grupo recebeu o ministro da cultura na Lira de Ouro para debater projetos para a Baixada Fluminense, reuniões informais entre os moradores para discutir problemas. Atualmente o Mate conjuntamente com associações de moradores e entidades locais organizam o Foras.

Em Belo Horizonte a proposta foi verificar a relação entre *laços fortes* e *laços fracos* na busca de soluções locais para as Vilas (favelas em BH). Adaptaremos os conceitos para analisar o Mate Com Angu e a relação entre *laços fortes* e *fracos* na busca de alternativas para as demandas do grupo.

Em Belo Horizonte, Prates verificou que a Vila com alto grau de interações pessoais ou *laços fortes* obtinha maior dificuldade junto aos órgãos públicos nos questionamentos referentes às suas demandas enquanto a Vila, com menos *laço forte*, mas maior quantidade e diversidade de relações externas ou *laços fracos*, obtinha melhores resultados.

A síntese do trabalho de Prates propõe que por si só boas relações afetivas, interação entre vizinhos e ajuda mútua não garantem bons resultados no tocante a busca de melhorias junto ao poder público. Mas que as boas relações externas podem garantir bons retornos. Moradores que trabalham para a classe média ou Vilas localizadas

próximas a bairros mais nobres e boas relações com o entorno possuem maior capacidade de articulação externa e justamente essa articulação os ajuda a garantir o conhecimento dos canais necessários para a solução de seus problemas.

O Mate é um fenômeno *sui generis*, possui um forte capital social ou na proposta de Prates, *laços fortes*, aliado a isso construiu uma diversificada de rede externa ou *laços fracos*. O Mate inicia sua ação constituído por relações endogâmicas com HB, Igor e outros moradores de Caxias que não se encontram mais no grupo. Mas chegaram no grupo Cacau e DMC, também moradores de Caxias. Ou seja, o Mate se constitui a partir de *laços fortes*. Ambos comungavam de perspectivas próximas e a partir de boas relações bancaram o início do projeto.

Porém o que se apresenta é que o Mate hoje se propõe a exhibir e produzir filmes diversos e fora do mercado ordinário, programas de webTv, transmissão ao vivo, além do viés educativo no qual oferece oficinas, cria material de difusão da linguagem audiovisual e manuais para criação de cineclubes.

Uma simples observação nas entrevistas dos membros do grupo, uma observação na origem e na formação de cada um nos capacita a inferir que são heterogêneos entre si, em suas origens sociais, nas formações escolares formais e mesmo na maneira como reproduzem a vida, logo, o grupo hoje é composto majoritariamente a partir de *laços fracos*. Mas *laços fracos* significam rede externa, articulação em órgãos governamentais, conhecimento de pessoas detentoras de técnicas singulares que podem ajudar o grupo, muitas vezes após fazer um favor/serviço a pessoa pode se tornar membro do grupo.

Nesse sentido o Mate conseguiu participar de outras vertentes no âmbito cultural porque não se fechou em Caxias nem na sua proposta filmográfica, uma vez que nunca se pretendeu autóctone em relação ao território, sempre se colocou como cosmopolita, mas a partir de Caxias. Aquela ideia de ver o local no global e o global no local, mas aqui sem hierarquias.

A rede externa do Mate os garante prestígio, informações, reconhecimento e estrategicamente circulação, seja pelo país e pelo mundo ou tocando a obra do cineclubes. Na perspectiva de Prates os *laços fracos* do Mate seriam o que os possibilitou um salto qualitativo, parcerias com a secretaria de cultura, com empresas públicas e privadas, sociedades de membros do grupo em empresas, produtoras, uso de espaços como a câmara municipal de Duque de Caxias, acesso a Lira de Ouro, ter uma sessão só sua no Odeon, as participações em programas de TV, rádios, repostagens em jornais e

tantas outras articulações que se o grupo tivesse focado apenas em Caxias não teriam ocorrido. Foi a articulação externa que em alguma medida possibilitou ao Mate dar maior visibilidade para Caxias, que controverso, é a saída física e mental de Caxias que possibilitou uma maior articulação para Caxias, já que pessoas bem intencionadas, mas sem rede externa não conseguiriam.

Imaginem que cada membro do grupo, são trinta e seis hoje, tem uma origem e uma rede de sociabilidade com potencial retorno de informações, conhecimentos, inserção social, entrada em espaços sociais específicos e articulações políticas variadas. Imagine ainda qual a posição nas interações que cada membro do Mate ocupa? Imagine que dependendo da posição ocupada pelos membros o grau de eficácia da interação aumenta, se pensado em relação ao retorno para o grupo. Se for tudo quantificado é possível inferir o grau de retorno que os membros do Mate a partir de suas redes trazem de retorno ao grupo e assim explicar a potência construtora do grupo.

Em que momento um membro do Mate se sente de fato Membro do Grupo

Esse é um tema complexo porque não há um denominador comum e possui um viés muito subjetivo, mas também se caracteriza por certo grau de pertencimento e identificação ao grupo. Geralmente o membro do Mate em algum momento foi público, os mecanismos de entrada são porosos e não lineares. Agora se na vida existem ritos de passagem como formaturas de ensino médio e universidade, festa de quinze anos, casamento e ingresso no mundo do trabalho, no Mate o rito de passagem mais representativo para o pertencimento de um novo membro pode ser o ingresso do mesmo em seu email de grupo denominado MCA. Porém esse é um dado complexo, uma vez que eu mesmo faço parte deste grupo de email, já participei de reuniões do grupo e fui convidado/convocado para atividades extras do grupo como oficinas, filmagens e afins, mas não me vejo como membro do grupo, mas com afinidades, me posicionando como pesquisador em alguns momentos e em outros não. Não há um demarcação de que estou ali naquela interação meramente como alguém que vai gerar um produto dissertação, mas como mais um dos participantes das ações propostas pelo grupo.

Conclusão - O Mate Potencializa Outros Projetos

No vídeo de cinco anos de mate Sabrina fala que *o Mate ta no centro de uma outra onda*, e essa frase de uma maneira ou de outra é replicada pelos membros com os quais tive contato. Há uma lógica, mas de desconstrução da noção estereotipada de periferia, não negando totalmente essa noção, mas vendo como outro Centro em relação a ela mesma e nesse sentido o Mate e Caxias constituem outro Centro.

O grupo oficialmente conta com trinta e seis membros no grupo do *Facebook*, desses, vinte e dois responderam às perguntas e foi verificado que dezessete deles não moram em Duque de Caxias, sete desses dezessete não moram mais no município e outros cinco ainda residem em Caxias, sendo outros dois oriundos do município vizinho de São João de Meriti, mas um deles já não mora mais lá, se mudou para a Zona Sul carioca.

Ainda resta a dúvida em relação aos outros quatorze membros que não responderam, mas já é possível verificar que o Mate já em sua formação extrapolou as fronteiras municipais e permanece na busca pelo espaço que o cinema pode proporcionar, ou seja, é constituído atualmente a partir de *laços fracos*, já que exogâmicos, mas que com o passar do tempo se torna também *laços fortes*, pois se visitam, se relacionam afetivamente, frequentam os mesmos lugares, criam motivos para festas para poderem ficar juntos, quando aparece uma oportunidade de trabalho em oficina ou similares e alguém fala no email que está sem grana e que a participação no trabalho atenuaria a situação o grupo logo acolhe. Esses são dados que configuram que no Mate os *laços fracos* com o tempo de transformam em *laço forte*, mas sem perder a sua principal característica, que é a vasta rede. A rede de relações do Mate vai se espiralando com o tempo e crescendo a cada projeto, intervenção, filme ou oficina.

O Mate ao ser integrador expande seu *capital social*. Estabelece relações em várias instâncias sociais, sua própria realidade interna reflete a heterogeneidade de origens geográfica, de gênero, posição e condição de classe.

O *capital social* não é algo no qual a todo tempo/instante um grupo ou pessoa acessa. Ele só é afetado/acessado quando necessário. Ex: O Mate não possui CNPJ, mas quando quer participar de um edital que requer o CNPJ, então se procura em sua rede alguém e negocia-se o uso do CNPJ desse parceiro. Se precisar de um estúdio para editar ou gravar, de uma câmera, de abrigo em outra cidade para uma atividade ou

gravação e assim por diante o grupo afeta sua rede ou seu *capital social* construído ao longo do tempo e em grande medida a partir de *laços fracos*.

Certa vez às uma e trinta e dois da manhã HB enviou uma mensagem no grupo do Mate no Facebook solicitando ajuda para transporte. Teria uma gravação no dia seguinte e precisavam de algum amigo que tivesse carro para a locomoção do equipamento e das pessoas. Sempre alguém responde se não pode resolver indica-se outra pessoa até a mediação da demanda. É mais ou menos assim que funciona a amálgama Mate Com Angu.

Indiretamente o Mate tem uma potência ainda não mensurada pelo próprio grupo, ele potencializa novos projetos. Esses surgiram a partir do contato/inspiração do Mate Com Angu, como introdução, citarei alguns: cineclube Tupinamba, Cine Guando, Araruama, Xuxu ComXis, Cine Guarabu - Ilha do governador, Cineclube Lobo Guará, Cine tijolo, alguns cineclubes em escolas do Cinema para todos, Cinemaconhaque, Cachaça Cineclube, O rolê do Humano Mar – Região dos Lagos. Além de projetos indiretamente ligados ao cinema, mas ligados ao território Caxias como o Rock Pense.

Atualmente o Mate se encontra engajado em dois projetos externos de articulação para o próprio Mate e para as pessoas do coletivo bem como para a cidade e outros grupos sociais. Articulando ao seu modo associação de moradores, empresas, ONGs, sindicatos, empresas, produtoras, artistas das mais variadas denominações, poder público e o campo da internet. Os focos dessa articulação são o FORAS e o GOMEIA, ambos já citados na página trinta.

O FORAS é uma luta da comunidade caxiense contra a instalação de um shopping no Centro de Caxias, no entendimento dos manifestantes o empreendimento traria caos ao trânsito, danificaria a escola municipal Doutor Álvaro Alberto, o grupo busca a construção de uma área verde no local e a reforma e o tombamento da escola local. O Mate já produziu um filme e tem feito uma divulgação nas ruas e nas redes sócias contra a construção, ou seja, o Mate faz uma intervenção positiva no território, positiva no sentido que interfere no cotidiano, se não com a conquista política de suas demandas, impacta no sentido das ações, cria uma maior reflexividade a ações que passariam despercebidas pela população e municípios vizinhos.

O crowdfunding (financiamento coletivo) denominado Gomeia em homenagem ao babalorixá Joãozinho da Gomeia, que residiu e deu visibilidade a Duque de Caxias nas décadas de 1940/50 e 60. Fazendo uma mudança de fluxo na cidade, levando visitantes ilustres até a Baixada Fluminense como Getulio Vargas, Juscelino Kubitschek e Dorival Caymmi. O financiamento coletivo visa por em funcionamento um galpão de gestão e funcionamento coletivos de empresas e projetos sociais.

Esses dois projetos singularizam o que se tornou o Mate hoje, um grupo que serve de plataforma para o desencadeamento de variadas ações no município de Duque de Caxias e para a Baixada Fluminense. O engajamento em lutas sociais cria uma identidade para o grupo, o vincula à comunidade e nesse sentido pode ser entendido como uma política de lugar.

Esta geógrafa, concibe el lugar como espacios producidos por constantes procesos de interrelación de lo social, donde opera la existência de la multiplicidad y la apertura radical al futuro. Cuestionando visiones dicotómicas aquí deviene el lugar como espacio vivido en niveles íntimos pero siempre en interacción con niveles más externos, a manera de ejemplo, como los que coexisten entre el hogar y sus relaciones con las actuales tecnológicas de la información y la comunicación. Desde esta orientación el lugar no sólo es territorio sino también experiencia vivida y situada, en vínculo con redes de flujos, intercambios e influencias nuevas y oráneas, a estos procesos de interrelación Massey los denomina “sentidos globales de lugar”.(Durán,2008)

As possibilidades são variadas: afeto, falta, construção, arte, sexo, cinema são algumas que poderiam justificar a ação do Mate em Caxias. Porém, um dado parece esclarecido nesse trabalho, que é o lugar que centraliza o Cineclube Mate Com Angu, é complexo determinar, mas arriscaria afirmar que é o afeto que cria a amálgama do Mate.

Para Garzòn o lugar tem uma centralidade na interpretação de ações focalizadas no território:

De esta forma, las luchas adelantadas por grupos subalternos (indígenas, afro, mujeres, etc.) en contra de procesos modernizantes encuentran un común denominador: se despliegan en un lugar que no sólo hace referencia al territorio, sino a un contexto social más amplio, la dinámica local, que se convierte en interlocutora activa frente a procesos globales, asignándoles un sentido relevante al territorio y la cultura en cuanto elementos políticos para desafiar, asociarse o distanciarse de los discursos hegemónicos provenientes de la modernidad. De ahí que el lugar en tanto territorio, naturaleza e identidad adquiera un papel político para los movimientos sociales, ya que sus luchas no solo surgen de ideas políticas, sino de los contextos que las posibilitan.(Garzòn,2008)

O Mate não poderia após a visibilidade conquistada em Caxias e no audiovisual, se eximir de estar junto à população contra algo que impactaria a cidade. No entendimento do grupo que toca o FORAS o shopping seria prejudicial ao município nesse momento. Assim como não poderia abdicar de ser proativo e tentar construir o galpão Gomeia, no qual pretende construir um verdadeiro laboratório cultural que ecoe por toda a Baixada e ser abrigo para artista e produtores culturais, bem como para

empresas e produtoras interessadas em fazer cultura na região. Mais uma vez o viés é o lugar, a centralidade é o território. No entanto como já foi dito anteriormente, o Mate constrói no lugar, mas para o global e Garzòn nos auxilia mais uma vez neste sentido: “las políticas de lugar, en los que, para mí, radica su potencia e innovación: la descentralización de la producción de conocimiento, la acción política y la relación global-local.”

O Mate se constrói e se renova em suas novas experiências, como Anne falou o Mate é experimentação, como Bia e HB colocam é um manguezal, mas que precisa de atividades para mover o que os singulariza, que é trabalho coletivo e o contato xenofílico com vários outros grupos e linguagens para o grupo se renovar e reencontrar, trocar conhecimento e assim cada vez mais ampliar os horizontes do local para o global adaptando o que do global será utilizado no local como a própria tecnologia.

Referências bibliográficas

ADERALDO, Guillermo. Reinventando a “cidade”: disputas simbólicas em torno da produção e exibição audiovisual de “coletivos culturais” em São Paulo. Tese defendida no Departamento de Antropologia, da Universidade de São Paulo, em 2013.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de Globalização. Revista Mana 7(2):7-33, 2001.

_____. "Lugares e redes: as mediações da cultura urbana" in Niemeyer, A. M. & Godoi, E. P. (orgs.). Além dos territórios; para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas, Mercado das Letras, 1998, p. 41-63.

ANDERSON, Benedict. Comunidades Imaginadas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AZEVEDO, NATÁLIA. Dissertação: Prática de Recepção Cultural e Públicos de Cinema em Contextos Cineclubísticos. Ed, Porto, 1997.
<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1415.pdf>, visitado em 06/05/15.

BOURDIEU, Pierre, Sobre a Televisão. Ed.Zahar. Rio de Janeiro.1997.

BURGOS, Marcelo Bauman. A utopia da Comunidade: Rio das Pedras, uma favela carioca – E. PUC – Rio – 2002.

BUTRUCE, Bárbara. Cineclubismo no Brasil: Esboço de uma História, Revista do Arquivo Nacional, v.16,n 1.2003.

CASQUEIRA, Natália Maria Azevedo. Prática de Recepção Cultural e Públicos de Cinema em Contextos Cineclubísticos. Dissertação de Mestrado Faculdade de Letras da Universidade do Porto,1997.

Castro, Fernanda Carla de; Dissertação de Mestrado, “O Jovem de Periferia nos Quadros de Regina Casé: Um Estudo de Sua Representação e Recepção”. Belo Horizonte, Faculdade de Educação UFMG, 2010.

http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUDB-8C5SQR/disserta_o_vers_o_final.pdf?sequence=1 Visitado em 09/05/2014 às 18:48.

D’ARAUJO, Maria Celina. Capital Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Durán, Armando, Políticas de lugar en los movimientos sociales contemporâneos. Diálogos Latinoamericanos, núm. 14, 2008, pp. 57-75: Aarhus Universitet, Aarhus, Dinamarca.

FELTRAN, G. S. Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana. Revista de Antropologia. n.53. v.2, 2010.

_____. Introdução. Lua Nova Revista de Cultura e Política. v.79. São Paulo, 2010.

Frúgoli, Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. Revista de Antropologia. vol.48 no.1 São Paulo Jan./June 2005.

Garzón, María Angélica. Retando las geografías de terror: estratégias culturales para La construccion del lugar, Nomades. 183-193,2008.

María Angélica Garzón.El lugar como política y las políticas de lugar: Herramientas para pensar el lugar. In, Signo y Pensamiento, 53. 92-103, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.Ed.Zahar. Rio de Janeiro.1982.

Gonçalves, Marco Antonio e Head, Scott. Devires Imagéticos- a etnografia, o outro e suas imagens. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

Gouvêa, Maria José Motta. Dissertação, Com a Palavra Mate com Angu – uma intervenção estética no município de Duque de Caxias, FGV-Rio, 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural – 6ª Ed. Loyola, São Paulo, 1996.

HIKIJ, Rose Satiko Gitirana, Imagens que Afetam – filmes da quebrada e o filme da antropologia, 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, BA, 2008. junho, Porto Seguro, Bahia,

JACKS, Nilda et alli. *Meios e Audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEEDS, Anthony. *Poder Local e Poder Supralocal*. Zahar. Rio de Janeiro. 1978.

Gonçalves, Marco A. Head, Scott. *Confabulações da Alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos in Devires Imagéticos – A etnografia, o outro e suas imagens*. Gonçalves, Marco A. Head, Scott Org. 19-21, 2009.

KAZTMAN, Ruben – *Seducidos Y abandonados: El aislamiento social de los pobres urbanos – extraído da Revista Cepal -75-12/2001*.

KUSCHNIR, Karina. “Subúrbio, mostra tua cara”, In: *O cotidiano da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MARTIN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. “O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva”. *Communicare*. São Paulo, v. 5, n. 1, 2005, p. 27-42.

Prates, Antônio Augusto Pereira. *Redes sociais em comunidades de baixa renda: os efeitos diferenciais dos laços fracos e dos laços fortes*. In *Revista de Administração Pública - rap* — Rio de Janeiro 43(5):1117-1146, Set./out. 2009

PUTNAM, Robert D. *Comunidade e Democracia – A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.

PUTNAM, Robert D. *Vamos jogar juntos*, 2003. Protocolo disponível em http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/arquivos/2_vamos%20jogar%20juntos.PDF
Data de acesso: 5 de maio de 2008

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz. *Proximidade Territorial a Distancia Social: reflexões sobre o efeito do lugar a partir de um enclave urbano*. ANPOCS, 2003.

SILVA, Dafne Reis Pedroso. Hoje tem cinema: a recepção de mostras itinerantes organizadas pelo Cineclube Lanterninha Aurélio. 2009. 288 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

SILVA, Francine Nunes. Cineclube Lanterninha Aurélio: um estudo etnográfico sobre cineclubismo e sociabilidade em Santa Maria. Trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

Silva, Tiago de Aragão. Dissertação Nas Profundezas da Superfície do Mate com Angu: Projeções Antropológicas Sobre um Cinema da Baixada Fluminense – UNB,2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Gramática do nosso Tempo: para uma nova cultura política. ED. Cortez – São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. Por uma outra Globalização. Ed. Record.2006

SARAVÍ Gonzalo A.- Segregacion urbana y espacio público: los jovens em enclaves de pobreza estructural. Revista de la Cepal, Nº 83. agosto – 2004.

Souza, Adriana Carneiro, Monografia, Cineclubismo no Brasil: Visões de Ontem e Perspectivas do Contemporâneo. UFF,2011.

VALLADARES, Lícia. A Gênese da Favela Carioca. A produção anterior às ciências Sociais. RBCS. Vol. 15. Nº 44, outubro, 2000.

WACQUANT, Loic. Os Condenados da Cidade – estudos sobre a marginalidade avançada. Ed. Revan.

ZALUAR, Alba & RIBEIRO, Ana Paula Alves. Teoria da Eficácia Coletiva e Violência – O paradoxo do subúrbio carioca. São Paulo: Revista Novos Estudos CEBRAP, número 84, pgs 175-197, julho de 2009.

Anexo I

Entrevistas

As entrevistas a seguir foram coletadas de variadas maneiras, algumas inusitadas até então: uma vez por *skype* quando Rafael Mazza não queria digitar e disse ter dificuldade com a sistematização da escrita de algo tão pessoal -posteriormente ele me enviou o arquivo de áudio por email; outra por telefone celular uma vez que o Igor Barradas não queria escrever, disse que a escrita enclausurava o pensamento; via *whatsapp* já que o Josinaldo também não queria escrever e preferiu gravar áudio do *whatsapp* ; fiz entrevista cara a cara, sem gravador de voz, via email e a maioria delas pelo *facebook*. E houve alguns membros do grupo que me falaram pessoalmente que mesmo sem ter problemas pessoais comigo não responderiam às perguntas, outros não responderam o email ou a chamada *inbox* no *facebook*.

Nesse período ouvi como justificativas para não falar sobre o Mate: questões pessoais com algum outro integrante, não estar naquele momento se sentindo com legitimidade para falar como representante do grupo e alguns evitaram o assunto sem mais justificativas.

O Mate possui dois canais ordinários de comunicação um é o email de grupo que contém quinze pessoas, contando comigo, que fui adicionado pelo HB após eu sugerir minha participação em uma reunião presencial e um grupo no *facebook* denominado MCA com trinta e seis membros. A participação nos dois canais de comunicação é seletiva, há pessoas mais regulares e pessoas que não participam das proposições ou só se posicionam quando há um pedido, mas a não resposta não é um problema em um grupo anti-institucionalização, organogramas, divisão rígida de tarefas, que repudia qualquer tipo de verticalização interna.

Ao mesmo tempo por se entender como espaço imaginário de convívio, no qual não há problemas, esses estão sempre latentes. O espaço é de livre expressão, mas como buscam o consenso para poderem viabilizar as ações evitam levarem a frente seus próprios conflitos e como a relação afetiva que possuem é maior que os conflitos latentes, deixam-se de lado os conflitos e valoriza-se o que os une, o que os singularizam enquanto grupo.

Em um primeiro momento fiz duas perguntas as pessoas do grupo, a primeira foi “como você enxerga o Mate Com Angu ou o que ele é pra você?” E a segunda foi “para você qual é o território do Mate?” Depois perguntei aos membros do grupo a idade, grau

de instrução, cidade de origem e onde residem hoje, quais funções exerceram ou exercem no Mate e pedi para explicarem como foi sua chegada ao Mate.

No geral pretendo criar, a partir das regularidades, um perfil dos membros do Mate. Para isso perguntei: se há uma faixa específica ou se é heterogênea, se o grupo é formado por universitários do campo do cinema, uma vez que a retomada do movimento cineclubista no Rio de Janeiro se deu a partir de ex-alunos do curso de cinema da UFF; sobre a cidade de origem para captar em que medida os membros do grupo são pessoas do entorno ou se a formação do grupo é exógena; onde moram hoje a fim de verificar em que medida uma possível mobilidade social de pessoas do grupo gerou uma evasão do município de Caxias; como chegaram ao Mate, para captar o processo e assim mensurar qualitativamente o viés das relações afetivas do grupo que é a amálgama aglutinadora. As respostas a essas questões confirmaram minha hipótese de adesão afetiva e não por busca de mobilidade social ou simbólica.

É sabido que o Mate de maneira conjunta atua sob três vieses simbioticamente conectados, uma seria a exibição (sessões do cineclube e em festivais), outra a produção (curtas, webprogramas, cobertura de eventos, vinhetas) e o viés educativo (oficinas, apostilas, manuais e debates). Entendo que a partir da leitura das respostas dos integrantes do Mate poderemos responder como funciona a sua engrenagem para posteriormente poder analisá-las.

Respostas

Heraldo Bezerra Carvalho, conhecido como Heraldo HB. (algumas perguntas foram feitas ao mesmo tempo para HB e Igor. O dia das perguntas são diferentes)

Nasci em Duque de Caxias e resido ainda hoje aqui. Tenho 42 anos e ensino médio completo, todo feito em escola pública. Na verdade, tenho ensino superior incompleto... Fiz alguns períodos na Escola de Comunicação da UFRJ, mas não concluí o curso. Como no cineclube Mate Com Angu não há a figura da diretoria dividida em cargos, as funções no grupo acabam sendo orgânicas e definidas nas práticas do grupo. Eu, por exemplo, atuo muito nas áreas de Curadoria, Produção e Relações Institucionais (hehehe essa ficou engraçada). Também exerço muito a função de zelador tecnológico do grupo – se bem que hoje bem menos.

Considero que sou animador cultural, função que foi consagrada no projeto especial de educação, que foi posto em prática nos Cieps.

Fabio Tavares (FT)

Animador Cultural é sua profissão?

HB - Cara, juridicamente ela nem é reconhecida... Mas, é como assino atualmente: animador cultural e produtor audiovisual. (poeta não é profissão hehehe...)

FT - Para você qual é o território do Mate?

HB - Quando o Mate nasceu havia uma ideia muito clara de que o território do Mate era a Baixada Fluminense como um todo e Duque de Caxias em particular. Nosso discurso de incluir o imaginário da Baixada no cenário nacional era praticamente um mantra repetido em muitas ocasiões.

Mas com o passar do tempo essa ideia foi se esgarçando, incluindo outras subjetividades, outros anseios, outras “geografias” periféricas. Quando a gente viu, além da galera da Baixada, o Mate provocava um impacto em outros movimentos pelo país e muito na cidade do Rio de Janeiro também. Fora que o conceito de um território imagético periférico ficou muito forte também. Como costume dizer, as várias Baixadas espalhadas pelo mundo físico e pelos corações e mentes.

FT - Como você enxerga o Mate Com Angu ou o que ele é para você?

HB - A forma como vejo o cineclube Mate Com Angu hoje é bem difusa. Sempre teve, desde o pré-início, uma vontade provocar o lugar aqui a pensar sobre si mesmo, a pensar sobre que imagens representam a Baixada, o que é possível pra remexer esse lodo estagnado que há décadas fez/faz com que a juventude local não se identifique com a região. Outra coisa era um espaço de diversão, de fruição cinematográfica junto com amigos, uma conspiração pra alegria numa região que ainda é massacrada e oprimida pra caramba por tanta coisa instituída.

As duas coisas se mantiveram, mas vejo que o Mate também virou um espaço de experimentação tanto quanto grupo quanto individualmente. Como é um grupo não-institucionalizado, sem uma diretoria e sem cobranças de metas/prazos, acaba que a contribuição de cada um fica baseada no que ela pensa pro grupo – que no final é um reflexo do que ela quer fazer a partir da plataforma Mate Com Angu.

Não sei se fui claro, isso explica um pouco o fato de que nem todo mundo se envolve com a vertente exibidora, por exemplo. Tem gente que quer mais é produzir,

realizar. Tem gente que quer estar nos debates mais ideológicos, tem gente que quer estar por perto pra curtidão, beber juntos, fumar um, zoar. Pela flexibilidade do grupo, acaba tendo espaços pra esses desejos todos. Fora o braço educador, que o grupo acabou entrando a partir da prática, sem termos planejado isso no início. O Mate Com Angu pra mim hoje é um manguezal, onde a gente volta sempre pra buscar energias e trocar experiências.

Eu estava no núcleo que foi o fundador do grupo... Então de certa forma, a gente chegou junto com o Mate.

FT - Hoje desse grupo além do Igor tem mais alguém até hoje no grupo?

HB - O Manuel não tem mais participado... Mas logo no primeiro ano, Cacau e DMC entraram.

FT - Porque no email de grupo do Mate tem 15 pessoas já contando comigo, mas no MCA do Face tem 36?

HB - Uma questão curiosa essa: há muita gente que se considera Mate, mas não tem conseguido estar direto; há uma flutuação também, gente que participa mais depois dá um tempo e volta e tal.

FT - Você poderia falar da Abaeté (Abaeté foi uma empresa na qual Igor foi um dos sócios e na qual várias pessoas do Mate trabalharam) se ela influenciou a atual relação do grupo com editais? Ou mesmo em outras ações?

Cara, aí fudeu... não tenho como me estender no assunto Abaeté... é muita coisa...

Mas posso resumir dizendo que a Abaeté foi uma frente de trabalho onde vários do Mate se reuniram e trabalharam criando metodologias bem bacanas de oficinas e diagnósticos culturais. Sei que ela trabalhava com projetos ambientais.

FT - Em poucas palavras poderia dizer qual era o foco empresarial dela?

Queria saber se desenvolveram o *know how* para editais a partir dessa experiência.

Igor Barradas - Não tem nada haver com os editais, era uma empresa de consultoria ambiental. O nosso forte era educação ambiental, tendo o audiovisual como ferramenta.

FT - Já que em uma empresa você tem que aprender a lidar com práticas jurídicas e etc.

Igor Barradas - A resposta é não.

Minha mãe é contadora. Vivo com isso desde moleque 2005 a 2010 (anos em que a empresa Abaeté funcionou)

Cara. A Iglu (nova empresa de Igor) é outra empresa. Outros sócios. Outro momento.

Muito complicado resumir isso aqui. Não fica real. É algo bem complexo. Não dá pra resumir. A Iglu é uma produtora.

Tadeu Lima

Tenho 33 anos, moro em Jardim Primavera-Duque de Caxias, frequento o Mate com Angu desde as primeiras sessões, mas estou colaborando mais ativamente há uns quase 4 anos. Os integrantes do Mate não tem função específica no grupo, em cada projeto colaboro no que está ao meu alcance, seja com produção, desenvolvendo oficinas, filmando, editando, tirando poeira das cadeiras, lavando banheiro, segurando guarda-sol em set de filmagem...

O Mate tem 13 anos, devo ter ido na segunda ou terceira sessão que o pessoal organizou. O Mate tem 13 anos e tem 11 anos que me formei técnico em produção audiovisual, estudei na Kabum, na primeira turma do projeto. A kabum é um projeto do Oi Futuro (que na época era Instituto telemar) era uma época em que as câmeras minidvs ficaram populares e a Kabum foi a primeira escola pra jovens de periferia (baixada ou favelas cariocas) fui pra kabum pra estudar design, mas acabei mudando pra audiovisual. Sempre fui envolvido com o movimento social, fui da pastoral da juventude, grupos de fé e política, era da juventude do PT, movimento ecumênico... o típico jovem-militante-com-tempo-disponível. Soube do Mate por conta de amigos da União dos Estudantes de Caxias. O Mate não é diretamente uma influencia na escolha que fiz, mas é de certa forma uma influencia (apesar de eu não saber explicar bem como se deu essa influencia), fato é que eu sempre me orgulhei de ter o Mate na cidade, de frequentar, de ouvir professores e gente ligada ao cinema dizer "você é de Caxias? conhece o cineclubete Mate Com Angu?" e eu poder dizer que sim, poder dizer que sou amigo da galera...

Eu sou de uma geração seguinte ao Mate... o Igor é uns 5 anos mais velho que eu, HB 10... Estudei com a galera que criou o Buraco do Getúlio, cheguei a "namorar" o cineclubete de lá uma época, me sinto meio buraqueiro também, do mesmo jeito que sempre me senti meio matiano. Já estudei cinema e comunicação, mas nunca conclui os estudos. No inicio deste ano comecei o curso de licenciatura em geografia. profissionalmente faz um bom tempo que to envolvido com o terceiro setor, em projetos

de educação e mobilização, mais uma vez, o Mate não influencia diretamente estas escolhas, mas ajuda a "fazer sentido"

FT - Como você se classifica profissionalmente?

Tadeu - Produtor e futuro professor.

O Mate pra mim é um cineclube. Tem varias maneiras de descrever o Mate, dependendo do ponto de vista é resistência cultural.

FT - QUAL É O TERRITÓRIO DO MATE?

Tadeu - O cinema, a linguagem cinematográfica.

O território pode ser a Lira, Caxias, Baixada, Rio de Janeiro, Brasil, América Latina...

Depende do ponto de vista, mas é também a linguagem cinematográfica, audiovisual.

Sabrina Bitencourt

Nasceu no Rio Grande do Sul na cidade de Capão da Canoa. Estudou Cinema da PUC-RIO, mora na cidade do Rio de Janeiro e trabalha regularmente como Produtora. Chegou ao Mate a partir de um convite do João Xavi, primo de Mazza, para assistir uma sessão do Mate e após uma visita do grupo a PUC a relação se estreitou e ela passou a compor o grupo.

FT - Como você enxerga o Mate Com Angu ou o que ele é para você?

O Mate com Angu é um dispositivo social, uma ferramenta incrível de empoderamento. Juntou uma galera que queria repensar a forma de produzir cultura na Baixada e como produzir ao invés de só receber e engolir conteúdos sem senso crítico. A partir daí, em 13 anos de existência, exibiu, produziu, discutiu estética, linguagem, arte, criando um ambiente propício a troca e formação. Pra mim é uma referência, um coletivo que consegue se reinventar, misturando formação audiovisual e cultural com afeto, amizade e reflexão social.

FT - Para você qual é o território do Mate?

Essa pergunta é muito boa, tanto que nem sei se saberei responder... O território, o lugar da fala, é importante porque todo o trabalho do Mate é costurado com a história

de Caxias e da Baixada Fluminense. Ao mesmo tempo, o Mate se propõe a pensar, discutir e produzir a partir de questões que são universais. A apropriação das ferramentas audiovisuais no início dos anos 2000, por exemplo, foi um fenômeno que aconteceu no mundo todo e democratizou o acesso aos "meios de produção" no cinema, isso gerou um novo olhar, um novo cinema. Acho que chamar isso de cinema de periferia é extremamente reducionista, o que aconteceu foi uma diversidade muito maior de linguagem, de ponto de vista, de conceito, forma, conteúdo, novos olhares. Assim sendo, o Mate está inserido no centro de uma onda enorme de transformação que a revolução digital trouxe e não numa periferia produzindo apenas sobre seu próprio território.

No vídeo de cinco anos de mate Sabrina fala que o Mate tá no centro de uma outra onda, e essa frase de uma maneira ou de outra é replicada pelos membros com os quais tive contato. Há uma lógica, mas de desconstrução de periferia, mas não negando totalmente a noção de periferia, mas a vendo como outro centro em relação a ela mesma e neste sentido o Mate e Caxias constituem um outro Centro.

Outro dia a Anne falou que a palavra que define o Mate é experimentação. Nessa época eu achava... agora tenho CERTEZA hehehe A zona sul é uma ilha. Uma ilha muitas vezes mal informada que consome um tipo de cultura pré-moldada / consagrada, distante da produção cultural efervescente da zona norte, baixada. O Mate assim como vários movimentos culturais é um catalisador cultural, não está a margem pois a zona sul não é o centro. Estamos no meio de um outro movimento. Acho até que existe essa disputa pela narrativa, existe mesmo. Mas independente dela, o bicho tá pegando e sempre pegou, muita gente pensando, escrevendo, fazendo música, cinema de guerrilha.

A questão é que mudamos, é verdade. O Mate formou a gente de certa forma, muito do que sou como produtora tem a ver com o empoderamento que o Mate dá. Mas nunca deixou de ser um campo pra experimentar. Tem umas coisas muito claras já, a maioria um dia foi público e hoje é membro, ele profissionalizou e mostrou os canais para o mercado de trabalho, muda constantemente, mas mantém é um denominador comum que é o sentimento o afeto uma parada de estar junto. Tem uma ideia central de que o mundo pode ser mais livre e fraterno.

Ainda assim temos muitos conflitos, muito mesmo. Eles existem , mas ainda tão difusos pra mim, O CNPJ é um deles e a maioria passa por, como reinventar as relações e mesmo assim manter um coletivo? Como ser feliz e anarquista e pagar as contas? hehe

Como organizar as ações sem ser autoritário com os outros? Institucionalizar? Mas e o medo de perder a espontaneidade de estimular o ego de quem tivesse a frente... enfim, como não deixar que o CNPJ tirasse o que o Mate tem de bom. Mas esse conflito resume muita coisa.

É difícil ser "quem resolve" É um grupo anarquista, o povo quer e não quer , a gente dinamiza mas não quer ser líder, é complexo, CNPJ dá trabalho, como coordenar esse trampo, responsabilizar sem cobrar...

Fabiana Albuquerque

Tenho 32 anos, Cidade natal Caxias, Bairro atual Santo Cristo, Rio de Janeiro, formação geógrafa, profissionalmente como Servidora no Município do Rio de Janeiro e também Estudante de artes visuais.

Minha função (não existem funções) digo atuação no Mate é mais manual tipo montar as exposições fazer o premio Angu de Ouro e ajudar na produção das sessões e outras coisas eventuais. É mais pegar no pesado, gosto de escrever os textos dos programas, sei que em muitos eventos o Mate é convidado, como o Carta Branca do Odeon, fomos convidados algumas vezes, o Buraco do Getulio também foi convidado. Enfim, chegam convites e emails loucos na caixa de email do Mate, como convites e pedidos pra gravar roteiros ou cobrir eventos e etc, ou apenas saudações ou reclamações, rsrs.

Eu era público do mate, desde o inicio, fui nas primeiras sessões, conhecia o pessoal só de vista, aí fui conhecendo mais de perto um ou outro integrante, como o Amenduin, que era amigo de uma namorada minha na época, alias namorei a mesma menina que a Bia e Sabrina kkk. Antigamente as historias de pegação eram bem mais loucas, agora o povo ta meio devagar kkkk.

Aí o Tadeu entrou pro Mate, aí, uns 3 ou seis meses depois eu falei com alguém, acho que o Igor, ou o Igor falou comigo, sobre entrar no mate, aí eu mandei um email pro Mate e entrei rs, isso foi em meados de 2013.

A primeira vez que atuei e me senti parte de verdade do Mate foi na sessão mulher, em 2013. Escrevi o texto, organizei e montei uma exposição de artes plásticas, participei da curadoria e ajudei a produzir o show da noite. Daquele ponto em diante eu ME SENTI MATE DE VERDADE, isso foi em outubro de 2013, eu acho, rs.

Hoje em dia to sem saco pra tudo isso rsrs, não tenho tesão de escrever nenhum texto, nem participar da curadoria nem nada rsrs. Mas acho isso normal, o Mate tem gente pra caralho, e eu sinto que a pilha dessas pessoas vai aumentando e baixando e nós vamos nos revezando organicamente no carregamento dos pianos, saca? Com exceção do Igor e do HB que são meio matusalém do Mate, tipo onipresente, onisciente e onipotente KKKK mas é serio!

O mate é uma estrutura orgânica e horizontal, mas tem sim seu pólos, no caso eles dois. Isso é uma coisa muito dúbia. Pois existe um inegável e notável reconhecimento acerca da "efusão" produtiva, criativa e conteudista de ambos, mas por outro lado isso gera incômodos, pois funila os processos neles dois, enfim, idiossincrasias...

Eu vejo o Mate como um grupo de artistas, um teatro mambembe, um grupo de amigos, com sonhos muitos doidos que só fazem sentido a partir de uma outra uma lógica econômica que entende a cultura como um investimento a longo prazo, numa frase, somos sonhadores, com sonhos que não passariam nem na porta do BNDES.

O território do Mate é a periferia, onde ela for, tem uma frase que costumamos repetir: Caxias está no centro de uma outra onda. Cada lugar, cada pessoa, está no centro de uma grande onda que é sua e nossa onda é a periferia com suas tecnologias baratas, linkadas com o resto do mundo.

Bia Pimenta

Formação Superior incompleto (já cursei direito, biblioteconomia, história da arte, não conclui nenhuma). Idade 33 anos. Cidade de origem / bairro que mora: Nasci na Favela do Jacarezinho, passei da infância a vida adulta em Santa Cruz da Serra – Duque de Caxias. Moro em Inhaúma, Zona Norte do Rio, porém, sempre com as malas prontas.

Havia frequentado aulas do Heraldo HB no Pré Vestibular Comunitário Joel Rufino, em Duque de Caxias, entre os anos 2000 a 2002, quando o Mate foi fundado. Cheguei a participar de uma sessão na Câmara dos Vereadores ainda em 2003, no entanto, só em 2004 me aproximei do cineclube de fato, passando a frequentar as sessões. A primeira sessão foi ainda no Sindicato dos Bancários, as demais já na Lira de Ouro. Após um curto estágio de produção cultural, no projeto Geringonça, passei a integrar a equipe do Cineclube, oficialmente, em 2005. Desde então exerço as funções

de Produtora, Diretora de arte, Articuladora, Mediadora & Oficineira, nas ações filmicas e sócio-educativas do coletivo. Sou produtora cultural & arte educadora

FT - Como você enxerga o Mate Com Angu ou o que ele é pra você?

O Mate com angu, a priori, é um cineclube, por promover sessões de filmes, públicas e gratuitas, que se diferencia do conceito mais antigo de cineclube por trocar o debate formal pós-sessão por festas, integrando assim outras expressões artísticas no evento, como performances, artes visuais, bandas ao vivo, DJ, VJ, poesia, entre outros.

Com o passar do tempo apenas exibir filmes e festejar não era mais o suficiente e decidimos fazer nossos próprios filmes. Com a experiência que adquirimos com nossas realizações, passamos então a ser multiplicadores desse conhecimento e dessa linguagem, que é o audiovisual, através de oficinas práticas e teóricas, algumas mais voltadas pra troca de repertório e vivências que para ensinamentos técnicos. Uma vez que entendemos que aprender a usar um equipamento é muito mais fácil do que saber o que fazer com ele, o que filmar, de que conceitos falar, pra onde apontar a câmera depois que você já sabe usar, certo? O MCA se constitui como um coletivo de indivíduos muito peculiares, libertários, com interesses diversos e opiniões e atuações heterogêneas, o que permite muitos prismas de visão de um mesmo conceito e situação.

Optamos por nos organizar de forma não hierárquica, horizontal, orgânica, em busca de consenso no lugar de votações e na filosofia do “faça você mesmo”. Isso faz com que alguns de nós já não considere o MCA apenas como um coletivo, mas um movimento. O MCA surgiu da falta de espaços para o encontro de jovens amantes de cinema, de artes, de expressões culturais, que não encontravam na cidade de Duque de Caxias essa alternativa e decidiram - porque não? - criar seu próprio espaço de fruição: bang, bang! Para mim, nos últimos 11 anos, o MCA tem sido um dos grandes sentidos da vida, onde aprendo não só sobre cinema, audiovisual, artes, metodologias pedagógicas, subversão e ativismo, mas sobre ética, harmonia, mística e muita mão na massa. Fazer parte da história desse movimento foi fundamental para a minha formação de caráter e pra entender quem quero ser e como quero atuar no mundo.

FT - Para você qual é o território do Mate?

O território físico do Mate com angu é Duque de Caxias e algumas regiões mais boêmias e marginais da cidade do Rio de Janeiro. No entanto, a internet permite a expansão desse território, seja no próprio mundo virtual, seja através de rede de pessoas afins, permitindo ao movimento dar umas ‘saracutiadas’ pelo mundão à fora, tornando-o assim, ao meu ver, cosmopolita. Digo isso porque acredito, do fundo do coração, que nesse momento na Nigéria, na Colômbia, na Sibéria, no Ceará, ou em qualquer periferia do mundo deve haver um “mate com angu” como o nosso. Um grupo de malucos, visionários, ousados e pretensiosos ativistas inconformados que usam da arte do audiovisual para, se não mudar o mundo ao seu redor, ao menos pra tornar-se pessoas melhores. E por fim, acho importante dizer que a primeira pretensão do MCA é divertir a nós mesmos, os matianos.

Rafael Mazza (entrevista feita pelo Skype e no momento da entrevista Igor estava em uma visita ao Mazza) tenho o áudio completo.

Mazza tem 32 anos, nasceu em São João de Meriti e hoje mora na zona sul carioca. Não possui ensino superior, mas cursos na área de áudio visual. É um profissional do mercado com trabalhos em várias produtoras no Rio de Janeiro e fora dele. Além de trabalhar como freelancer em projetos específicos, seja em filmagens ou em edição.

FT - O que é o Mate pra você?

Tenho uma relação de vida com o Mate. Sou de São João de Meriti, crescer lá e trabalhar com não cultura era possível. (era da Igreja Batista)

O único contato com a cultura ou atividade cultural era a música na igreja. Fui estudar audiovisual por conta da música e comecei a trabalhar com edição de vídeo de festas e casamentos. Neste momento da conversa chega Igor Barradas.

Um amigo me chamou pra filmar a festa de um acampamento Sem Terra (João Xavi, estudou na CUFA)

Conheceu o Cacau Amaral no curso de áudio da CUFA. Eles foram filmar o acampamento, dessa filmagem saiu um curta metragem, após a gravação Cacau chamou

eu e João para conhecer o Mate. Cacau queria lançar o filme no Mate e foi assim que eu cheguei ao Mate. Cheguei ao Mate e não entendia a linguagem.

Pensava, fiz filme com Sem Terra e não sabia se era certo ou errado. Nas sessões também me questionava se eram certas ou erradas os filmes e a atmosfera das sessões., isso foi impactante, mas ainda me questionava, mas continuei a ir nas sessões, mas queria conhecer a rede do cinema e o Mate me aproximava desse universo.

Isso foi me impactando, então passei a achar que a igreja que era errada. Me senti liberto com os filmes e em conhecer as pessoas, era tudo transgressor. Daí mudou minha visão de mundo “o Mate me educou”, formação política e humana, o convívio impactou.

Acho o Mate um agitador cultural da região, mas importante é a transformação na fez na minha vida.

FT - Território

O Mate transgride uma comparação territorial entre Baixada e Rio de Janeiro, moro na Zona Sul por opção e conforto. Conheço várias pessoas da Zona Sul que só foram a Baixada por conta do Mate, o Mate rompe o fluxo. Fazer as pessoas visitar é uma experiência antropológica em si. Há a questão geográfica, mas há os preconceitos, nossa intenção é mudar a imagem da baixada, essa imagem pejorativa. O Mate muda com os novos membros, mas se mantém outras características, se luta por serem engajados, querem mostrar algo.

Igor = querem fugir da lógica de mercado, fazer algo fora da lógica econômica, com tesão.

Posição,,,,, com o mesmo peso, mesmo com ausência não há votações, há convencimento.

Não nos posicionamos externamente enquanto não está todo mundo junto, enquanto a ideia não é unânime.

Entrou gente com capacidade de fazer filmes e por isso fizemos filmes, entrou com capacitada , então passamos a vender e executar projetos dos outros.

Há produtores no Mate, por isso há produções, por conta das pessoas que encaminham as ideias para dar consequência aos projetos e aperfeiçoarem os projetos.

O Mate é cosmopolita e sem território, a dinâmica do Mate é as oficinas que já oferecemos ao longo do tempo explica um pouco isso.

O Mate inicia a profissionalizar com intenção, entrei no mercado por conta do Mate, Fabiola trinca, Sabrina Bitencourt , o Mate é formação e profissionalização.

Igor – fazemos política, somos panfletários. Política da cerveja, sexo.

Mazza - Há momentos de exclusão, quando some sem dar satisfação – em relação a sair da lista de emails e do Mate.

Não enxergo liderança no Mate, há tensões sobre a tema ONG, vai virar empresa, hoje é mais possível ser ONG, não tem um líder no Mate para dar sequência a esse projeto de legalização, por isso não anda. Há momentos de desentendimentos por motivos pessoais, mas quanto aos filmes e oficinas todos dão pitaco. Vejo pessoas com maior poder de tomar atitude e decisão, Tadeu, Anne, Sabrina, com personalidade de líder, mas diferentes entre si, com potenciais e perfis distintos.

Tem perfis mais idealistas , querem escrever – eu nunca escrevi um texto pro Mate. HB e Igor escrevem mais, eu sou melhor com tecnologia.

O público é curioso, quer assistir coisas não acessíveis.

Igor – Caxias não tem nada pra fazer mesmo após 13 anos. Existe um atraso em Caxias, na estrutura de emprego, a infra expulsa os artistas de Caxias.

Caxias não concentra renda, as pessoas ganham grana lá e vão embora, a classe média organizada a sociedade gera demanda e Caxias não tem uma classe média moradora como em Nova Iguaçu.

Caxias é ruim pra quem quer fazer cultura., só querem formar trabalhadores braçais. O Rio puxa os talentos de Caxias, iluminadores, roteiristas, cenógrafos de cinema, sempre nas produções tem um de Caxias. Cita Felipe Bragança (escrevo do meu quintal em Mesquita, diz o roteirista sobre suas inspirações) Caxias pode ti sufocar, criam alternativas pela cidade, uma epifania de felicidade, prazer por andar no Jardim Primavera, você sente sim a contradição. (momento onde questionei ambos por morarem fora de Caxias)

Não estamos a margem, frase de um amigo de Sabrina e daí adaptou-se para “ *O MATE ESTÁ NO MEIO DE UMA OUTRA ONDA* ”

Ex: Capão não está a margem, mas no centro de uma outra onda/atividade.

Estamos no centro de uma TAZ, de algo pulverizado, não tem como terminar, o Mate ta no ar, pulverizados, somos TAZ (Zona Temporária Autônoma) Zona Autônoma Temporária, ta no livro de pistas, o Mate não quer ensinar, mas dar pistas.

O Mate é uma xerox que da pistas, “ o levante é mais importante que a revolução em si, depois da revolução volta a caretice. O Mate é mais o levante que a revolução, ta buscando se estruturar, antes queria festa, bonita, curtir a cultura e como um momento são levados a sonhar. Encontro pessoas diferentes. No Mate sempre se fumou maconha, por que é o lugar onde tudo era possível, livre, magia, encantamento, sentimento bom, somos bons fazedores de festas.

Gabriel Sanna, vulgo Gabraz

É um artista visual com forte inclinação ao cinema experimental. Trabalhou em diversos projetos entre curtas, médias e longas, nos mais variados formatos, alternando e por vezes acumulando as funções de diretor, fotógrafo e montador. Em 2006 estabeleceu uma parceria com a escritora e psicanalista Lucia Castello Branco para a realização de uma série de filmes com alguns sujeitos singulares da literatura em língua portuguesa. Daí nasceu a trilogia 'Absolutamente sós', em encontros com Manoel de Barros, Llansol e Bethânia. Desde 2010 é curador da Mostra do Filme Livre, um dos principais festivais de cinema independente do país. Conheceu o Mate com Angu em 2012 e desde então vem colaborando não somente na elaboração das sessões mensais na Lira de Ouro mas sobretudo em projetos paralelos visando a formação e consolidação da cena audiovisual na cidade. Atualmente está lançando o curta 'Digitaria ex Machina', feito ao longo de 5 anos a partir de um encontro com o duo eletrônico em Bogotá. Nasceu na cidade de Belo Horizonte e hoje mora no Catete.

Slow

Eu sou do Mate com Angu... Desde muito tempo, desde antes das sessões serem na Lira de Ouro, mas não desde a fundação. Morava na rua do lado da Lira no centro de Caxias.

Faço textos das sessões por exemplo (não todos) . E mais uma penca de cousas. Possui 3º grau incompleto.

Em relação a concepção do clip de sua música, quando perguntado “ideia do clip foi sua ou da galera do Mate’, ele respondeu.

Se sou do mate a ideia foi do Mate, elementarmente, eu pedi e todos fecharam. Mas a ideia é do mate com angu .isso é mca.tendeu? menos individualismo. se sou do mate . e foi feito pelo mate. logo é ideia do mate. sacou? nao tem essa de minha ou de a ou b... realização mca.

Raoní Redni

Tenho 35 anos, morador de Duque de Caxias e desde sempre no bairro São Bento. Minha formação é musical, mais me considero hoje um ativista cultural (diferente de um produtor cultural) e a muito venho exercendo essa profissão dentre outras como Arte Urbana e Arte Gráfica. Hoje estou cursando Artes Visuais e participo de alguns coletivos como o Mate com angu. Minha chegada ao mate foi desde o início de suas atividades. Comecei como público participante carregando bancos e levantando peso e assim foi desde sempre hoje eu estou oficialmente no grupo e minha função lá dentro é carregar bancos e levantar pesos (rsrs). Entre outros ofícios como fotografia e arte gráfica.

Estudo na faculdade Unigranrio e estou cursando artes visuais. Na verdade eu já vinha fazendo uns trabalhos com artes antes do Mate, sempre fui muito ligado a isso. Eu cresci numa família com uma veia artística, então pra mim sempre foi muito próximo e habituado a cultura. Tenho também meus trabalhos com música. tive algumas bandas e continuo tocando com minha banda atual HERO-BEAT JACK . O que eu posso dizer da influência do Mate em meus trabalhos e direções é que: as vezes penso em fazer ou gravar algum filme ou docs, por influência do Mate... acho que agora com minha entrada eu possa vir a fazer algo nessa área de filmes. Nunca fiz nada em relação a filmar (gosto mesmo é de fotografia)

Rodrigo Cavalcanti

Sem Formação Acadêmica, 35 anos. Nasci em Duque de Caxias, morei nos bairros, Beira Mar e Engenho do Porto. Atualmente moro no Estácio, mais precisamente no Morro do São Carlos.

Sai de Caxias e vim morar no centro por causa das minhas atividades com Eventos. Sou Produtor, DJ, Pesquisador Musical, Crio identidades Visuais, Design Gráfico, Arte com Imagens, e Produzo Vídeos.

Em 2003 eu já produzia eventos com bandas de rock e djs em Caxias, conhecia uma galera antenada em Musica, Cinema, Arte, muitas vezes cruzava com essas pessoas fora da cidade, as vezes na Lapa, Zona Sul, Centro do Rio, era fácil ver pessoas da baixada circulando por aqui e por ali. em algum momento alguém me trouxe em casa um panfletinho com a divulgação do Mate, que era na sede do sindicato dos bancários no centro de Caxias, (quase certeza disso). Tinha uns camaradas que já andavam indo no Mate com Angu, e eu prontamente depois de saber onde era, chamei os amigos mais chegados e fomos na sessão seguinte, daí em diante, nunca mais deixei de frequentar o Cineclube.

Passava um tempo sem ir por conta de trabalhos e compromissos, distância e dureza, mas sempre acompanhei e compareci quando pude. Virei fã de carteirinha. Muitas histórias, muitas pessoas incríveis e amadas que conheci, amizades feitas, muita coisa aprendida, muitas inspirações positivas vieram dessas sessões do Mate. Igor Barradas, por exemplo, eu conheci num Rock na Pavuna na época que o mate estava pra começar, um ou dois anos depois vi o cara no mate e percebi que ele era um cara muito foda, cheio de ideias e de coisas pra compartilhar. O mate com angu me serviu de inspiração pra várias coisas que eu acreditava na minha vida.

Em 2006 eu fui trabalhar na conspiração filmes e adentrei o mundo audio visual por dentro, comecei a tramar na área, e logo me apaixonei por essa linguagem, e assim fui tomando mais intimidade com a galera do cineclube, em 2010 eu vim morar aqui no Estácio e no ano seguinte a festa Junkie Session foi criada na casa onde moro, e muitas pessoas de Caxias e da baixada começaram a frequentar a casa, inclusive a galera do mate. Em uma sessão eu fui chamado pra ser dj, foi tão incrível essa noite, que no dia seguinte eu tava lá no e-mail do grupo, já sendo membro do coletivo. Além de dj, ajudo a produzir algumas sessões quando posso e o tempo hábil me permite, faço algumas imagens pro facebook e pra capa dos programas, e o que de melhor o mate me proporcionou foi exatamente descobrir o que eu realmente queria fazer com a minha vida, como explorar o meu potencial e ser produtivo, fazer o que eu gosto com vontade, e eu senti exatamente isso em diversos momentos no coletivo, tendo como experiência mais rica e construtiva pra mim, foi a realização de algumas oficinas que pude participar, e em uma delas eu conheci você, e o Arthur que hoje também é do Mate e meu grande parceiro, tá sempre aqui em casa. Ser do Mate com Angu foi uma das melhores coisas que eu já fiz na vida, e agradeço a esse coletivo por ter me ajudado ser uma pessoa pensante e produtiva. Quero aprender por muitos anos com esse Coletivo.

Josinaldo

Eu nasci, fui criado e vivo até hoje no complexo da maré, tenho 26 anos, não completei o segundo grau e no mate exerço uma função mais técnica, como edição, câmera, som e coisas mais tecnológicas. Baixo filmes, faço DVD, alguns memes e também participo de algumas reuniões com instituições que debatem políticas públicas pro audiovisual no rio de janeiro (ABD&C e ASCINE-RJ).

Eu cheguei no mate no ano de 2006, através de um convite do Igor Barradas pra exibir um filme meu (As 2:05), feito na raça, guerrilha, na sessão "Vamos Fazer Um Filme", se não me engano, em junho de 2006. Nessa época a gente tava trabalhando numa empresa chamada ABAETÉ, onde estávamos realizando algumas oficinas de audiovisual no interior do Brasil...

Eu tinha acabado de sair do Beco do Rato, cineclube que fundei na Lapa, junto com mais 3 amigos e que se tornou uma referência cultural da cidade. Dai quando o Igor me apresentou o Mate e eu tive o prazer de conhecer, foi amor a primeira vista. Desde então, nunca mais sai.. Meu primeiro contato com o Mate foi exibindo um filme, agora eu to editando, por exemplo, amanhã vou dar oficina... são duas coisas que tenho feito com frequência, eu digo que sou editor, mas acho que me dou mais com comunicador popular, acho que comunicador popular é melhor.

FT - é o que gera renda?

To fugindo de edição, mas atualmente a renda vem das oficinas de audiovisual e as oficinas surgem por outras redes além do Mate, mas eu sempre estou representando o Mate. Porque o Mate é orgânico, tipo que tá no sangue. Faço parte de outras redes, geralmente eu falo no mca no face ou no e-mail, sempre tento fazer a liga entre o Mate e a oficina que estou dando, por mais que venha por outras fontes, o Mate sempre tá na pauta inclusive, uma vez, na Amazônia, em uma oficina que dei com o Sergio Bloch ele me chamou atenção porque eu assinava como Mate Com Angu, só que ele dizia que eu estava representando a produtora dele, porque eu só falava do Mate.

Josinaldo, entrevista gravada em áudio e enviada via whatsapp

Oi ééé, vamu lá, oi Fábio, meu nome é Josinaldo Medeiros , sou do Mate com Angu desde 2006.

O Mate é um grupo horizontal onde agente produz filme e exhibe de forma colaborativa, somos um grupo de mais ou menos 15 pessoas. O Mate pra mim representa um ponto de encontro onde posso experimentar fazer um filme uma criar poesia um debate e tem possibilidade de criar de maneira colaborativa, sem ser como tá posto no mercado de trabalho. A gente faz outra coisa, exhibe o que acredita, o mate acaba sendo um jeito de ajudar na desbitolação de quem tá com agente, uma tentativa também de ter acesso a outros produtos audiovisuais.

Que não tão na mídia tradicional/convencional a velha mídia, agente tá num momento no país que cada vez se torna a gente ser a mídia que a gente quer ser no mundo.

Estamos num momento em que o Mate é uma janela de audiovisual independente, fazer essa rede é fazer as pessoas circularem por essa rede.

Igor Barradas

FT - Fale qual é sua profissão?

Igor -Cineasta.

A história de como cheguei ao Mate está no livro do HB, A história da fundação. Foi daquele jeito, mas se eu fosse escrever ia sair mais ou menos aquilo mesmo. Hoje no Mate Igor faz folder, escreve editais, edita filmes, filma e oferece oficinas.

Igor tem 37 anos, nasceu em Duque de Caxias e morou no bairro Jardim Primavera e atualmente mora na Tijuca no Rio de Janeiro. Possui segundo grau incompleto e é sócio de uma produtora denominada Iglu: audiovisual e pesquisa. Igor e HB são fundadores do Mate Com Angu e os únicos remanescentes desde a criação.

A reflexão de território é mais minha, eles pensam diferente. O Mate é uma força, mas diferente de mim, é como um filho com autonomia, e você o vendo crescer.

O Mate é parceiro, amigo, filho, ajuda a compreender o mundo. Tem uma perspectiva de Caxias – fazendo o filme sobre O Amoleto de Ogum a relação com o território é de onde se conta a história.

Daí a ideia de fazer o Festival Curta Caxias, fazer algo popular, ele é local, mais também é cosmopolita, fala a partir de Caxias, mais conta histórias, falas das ruas de Caxias, que se transformam em nosso palco. Os filmes querem se comunicar com todo mundo.

Caxias é uma metáfora, a partir dela pode-se falar de várias coisas, vários textos, organiza várias sentidos, é ferramenta, tem histórico.

Na confecção das coisas tudo é produzido em cima do que já foi feito anteriormente. Visão é um espólio, baú de sabedorias que sai coisas, tem uma força atrativa muito grande.

O Mate é grande, tem filmes, oficinas e etc. Manoel é fundador, mas saiu, o Mate tem uma força de conquista do cinema, pode ser do povo, ser do trocador de ônibus. Muitas pessoas que deixaram o Mate fazem áudio visual por conta do Mate.

Tornar o cinema menos elitista, por o cinema nas mãos das pessoas. Gente de dentro contando a história de Caxias. Arthur deve ser entrevistado, ele mora em Vila Isabel (Rio de Janeiro) por que o Arthur entrou no Mate? Não falo se ter rito de passagem, Caxias é nossa Gotham City, é o que nos inspira. Caxias não é um domínio de território como os grupos de bate bolas, tem afetos, todos nossos textos tem Caxias, mas nos discursos não se pensa, vamos defender Caxias, quando falamos Arminda, estamos falando de Caxias, a noção de território aparece de maneira transversal, toda prosa, filmes, são em Caxias ou Baixada, histórias da Zona Sul é lugar comum.

Tudo é novo em Caxias, é mais fácil fazer um plano, a estética é também metafórica, usa Caxias para falar para o mundo, não se fala apenas para o caxiense. Seria uma metáfora para se comunicar. Faz-se ainda por que tem pau duro no Mate, ainda tem tesão. O Mate não quer transformar as pessoas, quer estar junto delas, assim como não faz filme por conta da precariedade, não é pela falta, mas pra fazer bagunça.

Fazer o filme de maneira coletiva, faz o filme ser mais inteligente que o autor. Glauber Rocha que não me cobre coerência, sou artista.

O Mate não quer levar ninguém a salvação ou levar discurso pronto, quer provocar as pessoas e ir embora, é um cutucão, não tem discurso político claro. O manifesto do Mate é o que há no filme *Lá no Fim do Mundo*, uma brincadeira com o filme de Jean Rouch, perguntando as pessoas em Paris se são felizes. A ideia inicial era dar voz as pessoas de Caxias também, daí saiu a ideia central do filme.

Luisa Godoy Pitanga

Eu sou um bicho estranho no mate ehehhe, pra começar fui criada na zona sul, eu conheci a galera do mate em uma empresa de consultoria, num projeto desses de

licenciamento, conheci a galera pela via profissional, não através do movimento em Caxias.

FT - Trabalhou com quem de lá?

Luísa - Primeiro Barradas, depois HB, Mazza, Josi e aí veio mais gente Manu, Sabrina, Paulinho todo mundo passou pela empresa de consultoria Abaeté inclusive eu e Igor éramos sócios (a gente é hoje em dia também) mas agora de uma produtora a Iglu em breve a Sabrina vai entrar de sócia também, a gente trampou nessa empresa até 2010, quando fomos "saídos" pela sócia majoritária.

Minha militância cultural, vivencia de coletivo foi no IFCS na Radio Pulga fiz ciências sociais La. e dez anos depois voltei pro mestrado.

A Abaeté foi fundamental pra o desenvolvimento profissional da galera, especialmente no tocante às oficinas, fizemos oficinas em 10 municípios da bacia de campos e outras no Ceará, Rondônia, Maranhão.

Tenho 37 anos, nasci no Rio e hoje moro em Porto Alegre. Entrei pro Mate mesmo, oficialmente ano passado, acompanhando facebook, grupo de email, fora isso acompanhava afetivamente porque era casada com Josi(Josinaldo) e trampava com a galera.

Minha função não é clara, a de ninguém alias, mas eu tenho contribuído na elaboração de projeto pra edital, em roteiro, em oficinas , nos textos das sessões, dinamização de página de facebook e também tem uma publicação sobre Adirley Queirós que é baseada numa entrevista que eu e Igor fizemos com ele pra um trabalho meu do mestrado que estamos fazendo pra publicar pelo mate, mais diretamente eu, Pablo e HB ta em fase de revisão do texto. Vamos publicar virtualmente, merda total,mas depois saímos bem, graças à rede, os alunos se amarravam na gente, eu chamo de abaeté gate, porque envolveu Petrobras, Devon, IBAMA.

Rodrigo Uchôa

Tenho 28 anos, nascido em Duque de Caxias, atualmente residindo no bairro do Riachuelo, zona norte do Rio. Conheci o Mate com Angu em 2006, quando o chão era terra batida e o teto era lona estendida. Conheço a maior parte da galera desde então, mas só comecei a chegar mais junto do coletivo em 2014. No momento ando afastado das atividades do Coletivo pra tocar coisas pessoais.

Comecei como público sim, minha função no grupo é muito difícil definir... o Mate é anárquico demais pra isso.

Eu tenho um curso de Letras na UFRJ trancado, ano que vem vou fazer Geologia na UERJ. Sou servidor público da Fundação Biblioteca Nacional sou do administrativo e não, nunca trampei pelo Mate.

Arthur Waite

Conheci o Mate fazendo uma oficina deles em Austin de cineclubismo. Formei-me na época em um curso na Maré de publicidade afirmativa com ênfase em audiovisual. Apesar de eu aprender bem a técnica cinematográfica o curso não era técnico, era apenas uma oficina. Cursei outros cursos, fiz a ESPOCC (escola popular de comunicação crítica) onde estudei publicidade afirmativa com ênfase em audiovisual, esse curso se trata de um curso de extensão da UFRJ.

Tenho 24 anos, Nasci do Rio de Janeiro, moro em Vila Isabel. Trabalho no mate mais com parte de câmera quando tem filmagem, mas faço funções gerais também de produção. E uma outra oficina de cinema na Maré chamada de Cinemaneiro. Hoje em dia ganho meu dinheiro fazendo freelancer com fotografia e câmera.

Taru Andé Biota (Pablo Pablo)

Sou de Caxias, vivia vagando pelas ruas de madrugada em várias madrugadas esbarrava com o HB, um dia ele me ligou e disse que ia rolar uma festa maneira tal hora em tal lugar, fui lá e quando cheguei era uma reunião do Mate, se ele falasse a verdade eu nunca iria. Quase nunca vou a reuniões, sai dessa primeira reunião propondo de fazer uma vinheta com o tema da sessão, digamos que a vinheta foi um sucesso e fiz pra segunda sessão e pra terceira e cada vez era mais maneiro, daí parti pra fazer animação.

Tem totalmente a ver com meu desenvolvimento como profissional, mas enfim, entrei no Mate assim, bom, acabei de lembrar que o canal do mate no youtube foi apagado por algum motivo e perdemos tudo, mas é isso, eu meio que sou o cara das vinhetas, digamos mas, hoje em dia só faço de vez em quando.

Tenho 30 anos, mas faço 31 mês que vem, moro em Caxias agora porque tenho que ajudar em casa, nasci em Caxias mesmo, mas já morei em outros lugares, São Paulo, etc, mês que vem acho que saio daqui de novo.

No Mate já fiz, filmes, cartazes, programas, textos, montei sessão, dirigi carro com a galera, por aí vai, digamos que além das vinhetas também sou um dos designers do coletivo. Conheço os aparelhos e editores, montei o vídeo do FORAS, agora faço um pouco de tudo, saca? ah, e streaming também.

Fazemos (hoje em dia nem tanto) programas de webtv. Vamos pensar juntos, se eu faço um cartaz é tecnologia ou arte? Se eu ajudo a escrever um texto e minhas animações também eu acho que são mais criativas do que técnicas, mas, em relação a alguém que faz produção, talvez sim, eu seja técnico também, mas tem uma diferença, o Mazza é mais específico de um campo, eu sou mais difuso, mais multimídia. Se definir é difícil, sim, eu sou das tecnologias, mas fico transitando em outros campos, diria que sou mais da criatividade, mas total seguro a pontas das técnicas. Quem segura as pontas do streaming (streaming é transmissão ao vivo) no coletivo hoje em dia sou eu, inclusive o meu trabalho ganha pão é baseado nisso.

Sou formado em jornalismo, mas porque não sabia o que fazer da vida, o que eu aprendi foi inteiramente autodidatismo. Nunca imaginei trabalhar com audiovisual tudo que aconteceu pra mim foi devido, óbvio, ao fato de eu ser autodidata, mas o Mate é uma escola aberta, o curta do Batman Pobre, por exemplo, teve estreia no Odeon, imagina só, ter um curta seu no telão do Odeon muito legal.

Marcelo Lima Amenduim

Idade: 31 anos, Ensino Superior Cursando - serviço social. Cidade de origem: São João de Meriti ainda mora no município, Profissão: faço uns corres de produção audiovisual.

FT - Função no Mate:

Marcelo - Esse lance não é bem definido pois é uma atividade que acontece de forma em que a gestão é compartilhada por todos, posso está na produção de um filme em um dia e no outro está dando aula em alguma oficina que o Mate esteja tocando...

Fui/sou público do Mate e a minha chegada foi após eu participar de uma oficina que o Mate fez em 2008 em um colégio estadual na comunidade da Mangueirinha em Caxias

FT - Hoje os recursos de Amenduim são oriundos das oficinas do Mate e uns freelas de produção, mas ele se classifica como produtor.

Carlos D Medeiros

Tem 46 anos, bacharel em Programação Visual pela EBA/UFRJ, nasci na Gamboa, Rio de Janeiro, atualmente moro na Glória, não sou de Caxias mas um entusiasta da integração sociocultural do Estado do RJ. Entrei no Mate em 2009, mas eu já vinha participando fazendo artes, fiz alguns flyers de sessões do Mate e em 2012 concebi a primeira expo sobre o Mate no Sesc de Caxias. Foi uma experiência linda! Daí em diante os laços se estreitaram inda mais. Em 2013, criei um lab de arte performática do MCA que é o PerforMate. Esse ano ganhamos um premio pelo edital Ações Locais da Prefeitura do Rio com o PerforMate 2 que dessa vez vai acontecer na favela do Morro da Formiga. Assim, no Mate eu faço papel de oficineiro, acabo me envolvendo com produção executiva (sempre dividindo funções com a galera do Mate) e sou designer gráfico... Aliás o Mate tem ótimos artistas gráficos como: o Thiago Venturotti, o André Prestor, o Pablo Pablo (com quem também faço várias parcerias criativas)...

Como profissão matricial sou Designer gráfico e tenho meus clientes.

Sou um dos Paulo Mainhards que passaram pela história do Mate. O outro Paulo Mainhard é meu tio avô e padrinho, que era diretor da UERJ em Caxias e lá no início, deu a maior força para o HB e Igor desenvolverem o projeto de um cineclube na faculdade. Foi o início de tudo. Anos mais tarde, em 2007, alguns caras do Mate (Igor, HB, Mazza, Josi e Luiza) foram em Cabo Frio - cidade onde nasci e estava morando - para dar uma oficina de cinema para um projeto de educação ambiental. Nesta época eu já tinha cursado cinema na Estácio e estava formado em Teatro, mas fui fazer o curso como aluno. A identificação foi imediata.

Assim conheci aquele terreiro mágico que é o cineclube Mate com Angu em Caxias e acabei sendo chamado pra trabalhar com eles neste projeto. Quando vi já estava participando das reuniões do Mate, ajudando a montar as sessões e projetos do cineclube. Fui assistente de direção do Igor Barradas no filme Queimado e dei diversas oficinas de cinema com eles. Hoje tenho 36 anos, moro no bairro Maracanã e trabalho como editor na Modo Operante Produções graças a indicação da Sabrina (do Mate).

Cacau Amaral

FT - Tem 43 anos, nasceu em Duque de Caxias. Graduado em Jornalismo. Mora na Taquara. Função de diretor cinematográfico. Profissão cineasta.

Você ainda trabalha na Reduc? Ou vive exclusivamente do cinema.

Se puder também explicar como chegou ao Mate.

Cacau - Ainda trabalho lá. Cheguei ao Mate através de uma matéria do jornal "O Dia". Liguei para redação e pedi o telefone do HB. Isso foi logo depois da fundação do cineclub. Desempenhamos várias funções no Mate. Não temos tarefas específicas. Todo mundo faz tudo.

Manu Castilho

Vamos lá: tenho 34 anos (daqui há 3 dias, faço 35), sou formada em História e cursei cinema na Darcy Ribeiro também. Nasci no Rio de Janeiro, tijuicana (a)típica, hoje em dia moro no Maracanã.

Minha história com o Mate foi a seguinte: em 2007 eu morava com um namorado em Cabo Frio e nós participamos de uma oficina de cinema ambiental realizada pela Abaeté Estudos Socioambientais. Parte grande da equipe era integrante do Mate com Angu (Hb, Igor, Mazza, Josinaldo). Logo depois da oficina, nos separamos e o Paulo (meu namorado na época) foi trabalhar na Abaeté e começou a participar do Mate e eu me afastei da galera. Logo no início de 2008 fui trabalhar na Abaeté e acabei assistindo todas as sessões do Mate daquele ano. Na verdade, não só assistia as sessões, mas participava de algumas discussões de curadoria, ajudava a xerocar os programas (nessa época, a Abaeté já estava 'tomada' de matianos. Além daqueles que eu já citei tinham tb a Sabrina, o Xavi e o Venturotti). Mas, oficialmente, ainda não era do coletivo. No início de 2009 participei da equipe do Queimado (filme do Igor Barradas) e só fui entrar oficialmente no Mate em julho de 2009.

No grupo, tenho uma função de produção e, muito timidamente, de direção (na verdade, quero desenvolver mais esse meu lado, mas tenho várias questões, como insegurança, por exemplo)...

Trabalho basicamente com oficinas de audiovisual e produção cultural. Produção já fazia antes, mas oficinas comecei por causa do Mate

Anne Santos

Tenho 32 anos, formada em ciências sociais, nasci em Duque de Caxias, de atualmente moro no Catete no Rio de Janeiro, conheço o Mate desde quando surgiu na Feuduc, desde então frequento as sessões. Trabalho mais com produção, mas to abrindo agora pra trabalhar com som, fiz um MBA em gestão e produção cultural e fui trabalhar com um grupo de teatro, depois de 2 anos fui trabalhar com freela e aí me envolvi com as demandas do Mate, a aproximação foi por aí. Antes de trabalhar com produção estava num meio muito acadêmico, morando em Caxias, trabalhando em Botafogo e estudando em Niterói não tinha muito tempo pra fazer outra coisa. Quando mudei de área a aproximação foi natural.